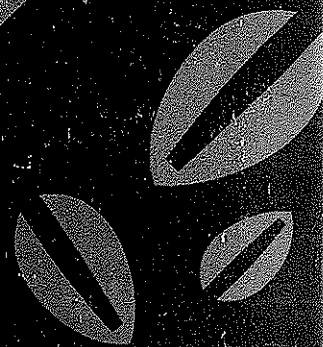


Orlando J. Santos D'Ògún Dímòlòkò



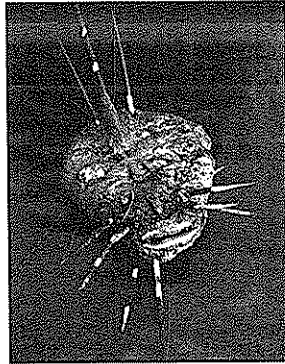
ΚΟ - Λ'ÈΚΟ, ΙΥÁΩÓ
Aprenda a Doutrina, Iauô

ÈŞÙ - ŞÌGIDI



KÓ—Ì'ÈKÓ, ÌYÁWÓ
(Aprenda a doutrina, Iauô)

Èşù-Sìgidi



São Paulo
2008 - Edição do Autor.

Santos, Orlando J. (Orlando José)
Copyright () 2008,
by Orlando José dos Santos

Composição/Diagramação: Orlando J. Santos

Correção: Carla de Oliveira

Capa: Alessandra S. Araujo e Marcela Giroto

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)**

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos Orlando J.

KÓ—l'ÈKÓ, ÌYÁWÓ / Orlando J. Santos (Bàbá
Olóòríṣà Ògún Dímòlòkò). — São Paulo : Autor, 2008. — (Série
Aprenda Ìyáwó ; V. 1)

1. Candomblé (Culto)
2. Cultos afro-brasileiro
3. Orixás I. II. Série.

97-1731

CDD-299.6

Índices para Catálogo Sistemático:

1. Candomblé : Religiões de origem africana 299.6
2. Orixás : Culto : Religiões de origem africana 299.6

Dedicado

Ao Dayo Adewalé e a Oya-Fúnmiké (Elinéia Macedo Santos),
Eu agradeço por fazer parte de suas vidas e por saber que darão continuidade
ao meu trabalho para lhes favorecer melhor qualidade de vida.
Que saibam e que transmitam o conhecimento para que possam através do
Ifá identificar o meu retorno — Eu volto!

Que a boa sorte fixe o olhar sobre vocês.
Pois, fixando o olhar sobre vocês,
Vocês prosperam.

Amo vocês!
Nando/Papai.

“A falta de Índice indica que é para ser lido”.

Agradecimentos

— A meu Orí pela resistência na luta.

— A Ògún, Senhor da riqueza quantitativa e qualitativa. Senhor dos caminhos da moderação, da prosperidade e da sabedoria. Meu Òrìṣà — saudações às suas origens.

— A Elinéia Macedo Santos t'Ọya-Fúnmiké, minha mulher, pela paciência que teve ao permitir-me ficar na cozinha sujando todas as xícaras. Suas broncas também me ajudam a ser uma pessoa melhor.

— A Dayo Adewalé, meu filho, razão principal deste trabalho.

— A Prof. Carla de Oliveira T'Obàtálá, por ter feito a leitura e corrigir o texto cortando assuntos que não somavam ou que causavam conflitos.

— A Sergio, Bàbá Ògúnbunmi Ifá-t'opé Fá-s'akin, pelo prefácio e por me incentivar nesta guerra (...).

— A José Carlos d'Ògúnjìire, Cesleste t'Ọya d'Èjì àti Ejò-t'Ọlà, pelos inúmeros conselhos e incentivos.

— Devo lembrar aqui “com muita honra” Ajibola Isau Badiru, pelos conhecimentos que me transmitiu. Que Ògún o abençoe aonde quer que esteja.

— Ifá Sèsin Olúokun Ọjẹ Dayo Ojò Ibàdan àti Ìyá Ọbà Obinrin Oní Ṣàngó Agbayé, Saudações.

— A José Alcides Nascimento, Reinaldo Fosco, Maurício de Deus, Jaime Gouvêa e tantos outros que colaboram comigo, muito obrigado e que Ògún abençoe a todos por toda a vida.

...O dia sempre amanhece bem.

Ìbà (Saudações)

Ìbà Olódùmarè — Senhor que possui o Céu e que o ilumina com o seu esplendor.

Ìbà Òrúnmìlà bábà Àgbónmìregún — Testemunho do destino e pai dos coquinhos que jamais esqueceremos.

Ìbà aos 401 Irúnmalè — Representantes das Divindades na Terra.

Ìbà Àkódá — O primeiro Ser Criado.

Ìbà Àṣẹ́dá — O Criador do homem.

Ìbà ìyá Ilẹ́ — Mãe Terra — pedaço de um Mundo distante.

Ìbà aos quatro pontos cardeais da Terra e a direção dos ventos.

Ìbà ao amanhecer que abençoa o dia com a própria Luz.

Ìbà ao anoitecer que abençoa a humanidade com um ponto de luz no céu.

Ìbà ao dono do dia de hoje. Não permita à minha cabeça estragar o dia!

Ìbà Egúngun n'Ilé — Ancestral da casa.

Ìbà Òrísà l'ẹ̀gbé — Orixás da comunidade.

Ìbà às crianças que estão na Terra com o objetivo de melhorar a genética de seus pais.

Ìbà aos velhos que voltarão ao Céu e depois à Terra com o objetivo de corrigir o caráter.

10 Èṣù-Ṣìgidi

Ìbà Ògún Dímòlòkò Kábíyèsí — Meu Excelentíssimo Senhor.

Se a criança pede a bênção aos pais, terá vida longa.

É a falta de apoio que prejudica o filho.

A Bênção não prejudica o ser humano, assim como a roupa branca não prejudica aos Orixás.

Ao matar não se prejudica a Ikú — a Morte.

Se a minhoca pede a bênção da terra, a terra se abrirá.

Desejo tudo de bom para todos nós.

Que Èṣù não nos olhem de esguelha.

Que Ọrúnmilà nos encham de Sabedoria.

Que não haja contradições com as Ìyámi Ọṣòrónzá — Senhoras dos pássaros da morte e donas da Terra.

Que meus pedidos sejam aceitos.

Prefácio

Muito se falou sobre os Bábálóòrìṣà àti Ìyálóòrìṣà dos anos 30 – 40 – 50 – 60 – 70... Já no terceiro milênio, temos novos nomes, novas cabeças que fazem um trabalho importante e que dão continuidade aos nossos antecessores. Orlando J. Santos d'Ògún Dímòlòkò é um desses nomes que despontou no mundo literário na década de oitenta e vem trazendo uma grande contribuição para a cultura negra como um todo, pois trata não somente das questões religiosas, mas também das questões históricas e sociais.

Sacerdote, pesquisador atento, sempre pronto a discutir e orientar, homem negro que possui visão ampla sobre as questões de seu povo. Tratando-se, pois, aqui, de uma peça importante do quebra-cabeça que é a nossa história.

Com certeza, esta obra de grande valor ritualístico, será para o iniciado que queira entender melhor sobre a expressão “fazer o santo” uma verdadeira cartilha, tendo a oportunidade de obter conhecimentos sobre os rituais e preceitos de uma iniciação no Culto aos Òrìṣà. Impedindo assim, que pessoas mal preparadas e até “mal intencionadas” cometam erros que levam a religião a ser mal entendida e marginalizada pela sociedade com alcunha de “macumba”, sem saber, tratar-se apenas de um instrumento.

Parabéns a você que abraçou este “Aprenda a doutrina, Iaô”.

Aqui encontrarás pretextos e motivação para pesquisar mais e entender melhor sobre a nossa religião que têm tantos fundamentos e princípios morais que merece muito mais respeito do que o conquistado até agora.

Sabendo-se que o caráter e a honestidade dentro de nossa Religião são enormes atributos que fazem potencializar o ÀŞṣ e a propagá-lo com mais força.

Como Iniciado em Òrìṣà e Ifá, sinto-me muito à vontade para apresentar ao público leitor este trabalho. Pois sei, aqui, o iniciado encontrará informações que o fará sentir-se um privilegiado pelo que “aprendeu” sobre a vida no período em que ficou recolhido no Ilé Orò. Período, este, suficiente para reconhecer que a vida é muito mais complexa que as vãs promessas de “Salvação da alma”.

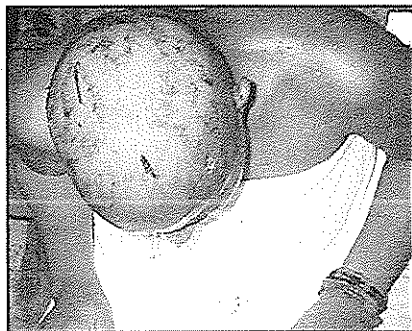
A humildade e a determinação são vitais a qualquer pessoa que desejar ser iniciada, pois há de exaltar estas qualidades e dar-se o respeito. Este “Aprenda a Doutrina, Iaô” trata exatamente disso. É o que estava faltando, por apresentar conhecimentos básicos com os quais todo iniciado que se preze deve apresentar-se na sua Ilé Òrìṣà e em outras comunidades religiosas.

Profundo conhecedor desses assuntos, desta vez, a vitória não será somente dele, mas de todos nós que necessitamos da vida e dos Cultos aos Òrìṣà que nos proporcionam o entendimento da nossa origem na Terra e uma visão ampla da Natureza.

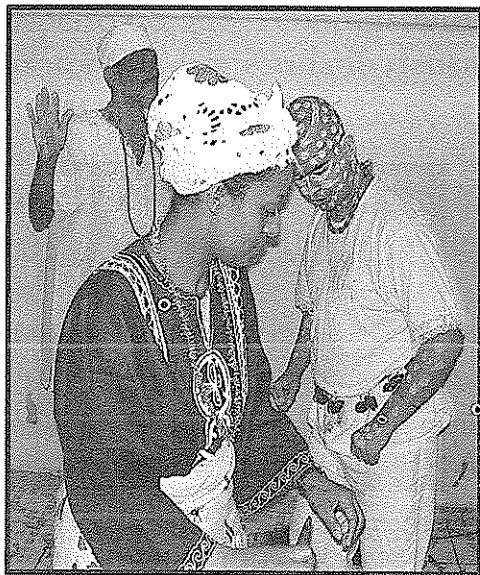
Só me restando, então, agradecer ao Orlando J. Santos d’Ògún Dímòlòkò por existir e por ser um dos nossos.

Bàbá Ògúnbunmi Ifá-t’opé Fá-s’akin.

Orlando J. Santos d’Ògún Dímòlòkò



"Que a minha cabeça tenha a consciência da bondade".



Ọya-fúnmiké ati Ejò-t'òlà-fò-yèriyèri Dínmòlòkò

Introdução

Quisera eu possuir muito mais informações para melhor poder elaborar este livro, pois sei o **Culto a Èṣù** não se resume a isto somente. Infelizmente, em todas às situações, temos que lidar com os elementos disponíveis. Logo, reconheço o meu pouco saber e recomendo ao leitor buscar outras informações que possam somar as deste trabalho — elas existem e com um pouco de esforço...

No primeiro capítulo descrevo os princípios do Culto e passo com a maior perceptibilidade possível os elementos que o compõe.

Em seguida descrevo o **Culto a Èṣù** fazendo a sua ligação com outros **Òrìṣà** e com os elementos que compõem a sua natureza: os **Títulos** (nomes) e **Ìtàn** (relato) que esclarecem como se faz diversos tipos de assentamentos; como funcionam; qual o objetivo a ser atingindo com um ou outros; as folhas que se usam para lavar os elementos que compõe o seu **Ojúgbò** (Altar); as características dos filhos de Èṣù (lembro que há o conceito de que Èṣù não tem filhos); as proibições; os sacrifícios e os **Códigos (Odù-Ifá)** para iniciação.

Acredito que a falta dessas informações a respeito das Tradições culturais e Religiosas das várias procedências africanas, “não somente do **Kétu**”, continuam nos deixando pasmos! Pois, percebe-se que a “roupa cara” faz o papel do Sacerdote não afeto ao estudo dos conceitos e valores dessas culturas. Da forma como vemos, nem mesmo as comunidades centenárias, podemos atribuir o título ou o

conceito literal de tradicional, visto que os valores mais importantes da Religião continuam amalgamados e sem respostas dentro dessas Comunidades/Terreiros tidos como “bem organizados”. A degeneração e banalização é geral mesmo! Somente a compreensão desta realidade histórica poderia definir explicitamente as diferenças e/ou as semelhanças e determinar a postura daqueles que são detentores de cargos hierárquicos com “objetivo de conceber o Sagrado, relacioná-lo ao profano e torná-lo Divino”. Tenho que dizer mesmo que ofenda a alguns.

É evidente que não há antagonismo. Porém, existem os aspectos semelhantes e os diferenciados... A humanidade caminha a passos largos, não mais para a modernidade, mas para o pós-moderno. O que pesa é a crise da racionalidade, cuja resposta, creio, virá do Culto aos Òrìṣà.

Portanto, aquele que porta Título relativo a própria iniciação não pode mais se dar ao luxo do descaso nem continuar desagregado dos saberes culturais inerentes aos próprios Ancestrais, cujo resgate, só será possível através do estudo contínuo sobre o costume do nosso povo, convivendo diariamente dentro das Comunidades/Terreiro onde é possível vivenciar na prática, os rituais. E, assim, rememorar a dinâmica do sistema de acordo com a visão oferecida pela Religião. “Onde homem e mulher são parceiros de um “jogo simbólico” e, no percurso da existência, se interpenetram para manter o equilíbrio e dar continuidade a vida”.

É preciso entender que a desculpa da oralidade torna-se falácia quando descontextualizada da vivência do Iniciado dentro das Comunidades/Terreiros. Ali os mais “velhos” transmitem aos mais “novos” o conhecimento sobre os

Elementos da Natureza e dos Òrìṣà, e assim vão aprendendo a ter uma concepção limpa dos mesmos — tanto mítica quanto social.

É certo que o conhecimento da Religião passa pelos ritos e práticas de Iniciação, sim! Mas, também, pela prática e desenvolvimento intelectual da Ìyáwó. Não se pode crer que a Iniciação de uma Ìyáwó seja composta somente de fórmulas mágicas ou de alguns elementos que se põe sobre sua cabeça. E, dentro dessa lógica; é impossível que continuem apenas prescrevendo receitas de ẹbọ (oferendas ou sacrifícios).

Por esses e por tantos outros motivos é que tomei a iniciativa de escrever **“Aprenda a Doutrina, Iauô”** na tentativa de incentivá-la. Sem, no entanto, querer ensinar-lhe qualquer coisa. Tanto a Ela, quanto a quem quer que seja! Aprendi desde há muito tempo que no Culto aos Òrìṣà não existe receita nem fundamentalismo — tudo é certo e correto. Sei que serei criticado! Não obstante, a minha intenção é a de contribuir com a preservação da cultura afro-brasileira levando aos mais jovens (Ìyáwó) algum conhecimento que possa somar ou valorizar aquilo que já sabem.

Meus respeitos a opinião de todos, mas ainda assim, devo alertar que as cores de Èṣù são: preto, vermelho e branco. O preto é muito pesado e dificilmente se ver alguém cultuando esse aspecto de Èṣù. Vermelho é fácil de se ver, mas o comum é ver Èṣù sendo cultuado com a junção do preto e vermelho, que também é bastante perigoso para aqueles que não tem domínio desse conhecimento. O branco que seria a cor mais favorável dificilmente se ver, pois

o que as pessoas realmente buscam é força e poder sem que na maioria das vezes saibam fazer uso disso.

Não há no Brasil alguém que tenha feito Ifá (com qualquer Bábálawo) e que tenha se dado bem. Isso só acontece porque o sujeito chega ao Bábálawo com uma receita pronta, dizendo: “eu quero isso, eu quero aquilo...”. O Bábálawo entrega nas mãos do sujeito aquilo que ele foi buscar e pronto. Só que sem saber usar, o cara se ferra e sai por aí dizendo que o Bábálawo não presta. É injusto.

O meu conselho é que a Ìyáwó aprenda a usar coisas simples sem se esquecer que ẹbọ demais também faz mal.

Concepções do culto

Candomblé é uma corruptela derivada do termo Bantu: Kandombede ou Kandombele, cujo significado é louvar — rezar — evocar. Logo, o termo Candomblé que designa o Culto aos Òrìṣà no Brasil, é no mínimo, inadequado à própria cultura religiosa.

Mas, é preciso compreender que há vários “traços” de várias culturas religiosas inseridas no Culto aos Òrìṣà por isso, torna-se muito difícil descrever os múltiplos modos como são cultuados, pois são confundidos com Divindades de outros Cultos – tornando o Candomblé uma sopa de amor aos pedaços.

Com o retorno de alguns africanos de origem yorubá, por volta dos anos 80, muitos Sacerdotes acreditaram que haveriam mudanças devido às informações importantes que traziam. Entretanto, vendedores de Obì e de outros produtos africanos, observando que praticando o “Culto” poderiam ganhar dinheiro, tornaram-se, de repente, “bàbálawo” e são considerados importantes para aqueles que não os conhecem muito bem. Pois, alguns chegaram ao Brasil como missionários de legiões evangélicas. Assim, o que parecia ser bom, tornou-se muito ruim para todos. Há aquele que se intitula “Príncipe” e aquele que diz ser o único “Bàbálawo africano estabelecido no Brasil”. Tudo mentira! Essa picaretagem deu origem a muitos “bàbálawo” brasileiros que não sabem, sequer, fazer uso dos Mèèrindílogun (búzios), se arriscando a utilizar o Òpèlè Ifá (Corrente de Ifá) e/ou os Ikin Ifá (Cocos de Ifá) – esses são ainda mais

arvorados – “uma vergonha!” E são tantos, que podemos tropeçar neles. Como sou mais nervozinho, gostaria mesmo é de pisoteá-los!

O estabelecido é que cada povo possui sua própria cultura e, em se tratando dos Cultos, cada povo os organiza de acordo com os próprios costumes. Porém, os povos que “ingressaram” para o Brasil vindo de vários pontos da África e que fizeram a nossa história negro/luso/cafuso/brasileira, hoje são conhecidos e apontados como afro-descendentes – expressão “bonitinha”, mas carregada de preconceitos.

Os Bantu deixaram para trás as divindades que cultuavam em matas, cachoeiras, etc. Aqui, encontraram outras divindades as quais passaram a cultuar.

Os sudaneses trouxeram os Òrìṣà, suas liturgias dogmas e tabus, firmando o poder de suas divindades no eixo místico Ìṣe em torno do qual os Òrìṣà relembram suas histórias (Itàn) e os omọ Òrìṣà (filhos dos Orixás) pedem as bênçãos do Senhor Supremo da Criação — cujo princípio é:

— Aro é o nada absoluto, barulho e trevas de onde surgiu a força que deu origem a expansão do Universo. A isso chamamos de Ìwa — Natureza e/ou caráter comportamental do Universo Criado — princípio neutro, e Àba — Incubação de ovos e/ou bactérias do Universo Criador — princípio feminino.

Dessa união surge Àṣe — Assim Será a dinâmica de todas as coisas — cuja função é dar movimento e aparece como Ìkóríta-méta Ìpàdé Ọrun = Encruzilhada de três caminhos que atrela o Céu a Terra e/ou como o “princípio” básico da Criação do Universo Infinito.

Dessa trilogia Universal surgiu as forças conhecidas por Ofú e Osa:

— Ofú é considerado de sentido masculino.

— Osa é considerada de sentido feminina.

Suas manifestações são observadas em todos os aspectos ou movimentos da Natureza e age como imã posto contra o outro – lei de expulsão ou saída forçada para dar expansão a todas as coisas que possuem dois lados: claro e escuro — positivo e negativo — benéfico e maléfico — expansão e contração — construtivo e/ou destrutivo.

São forças que compõem o Universo e são vistas como um espiral dinâmico e equilibrado, pois nada é estático.

— Ofú é o símbolo masculino e representa a Luz, o calor ou o fogo.

— Osa é o símbolo feminino e representa as trevas, o frio ou aquilo que no princípio viria a ser água.

Apesar de acharem que o yorùbá ao se referir aos Ìmólè, estaria se referindo a estas forças, porque Ìmólè/Ìmó significa Iluminado/luz, e por estar a luz associada à origem da Criação dos Elementos ou por ser a sua ausência uma manifestação de Ofú e Osa, tal referencia é feita aos Seres — Òrìṣà — que vieram da Luz, Céu. O povo yorùbá sabe que a Luz é isenta de tempo e de espaço. E que a isso, as religiões chamam de Deus — um Deus Universal, mas não aquele Deus que Criou o Ser Humano.

Este Deus Universal aparece como a quinta força que impregna o Universo de poder com tudo aquilo que já fora Criado e que Ele tem que manter em absoluto equilíbrio — Ele é a origem de todos os conceitos ou idéias de pureza, mas intrinsecamente relacionado com a ação de rotação entre a Luz e a escuridão

que dão equilíbrio a todas as coisas. Pois, nada existiria se não houvesse a lei de expansão e contração.

— Aro na visão popular é visto ou considerado um Ancestral temido e pavoroso, cuja voz rouca é capaz de amedrontar qualquer vivente. Nele não se pode tocar, pois sua força é tão terrível que causaria a morte do incauto. A mulher, sequer, pode vê-lo! Isso por estar associado às trevas e ao barulho do Universo.

— Ìwa é o princípio neutro e aparece como o Criador de Todas as Coisas e é imaginável seja equivalente a Olódùmarè — aqui cabe o nome de Deus ou Èlédá, Senhor da Criação. Ainda associado à Ìwa, está Òrúnmilà que aparece com o Cérebro do Criador, a parte que mais interessa aos homens, por ser Ele, considerado a Testemunha do Destino.

— Àba é o princípio feminino e nos parece ser a contraparte de Ìwa para dar direção a expansão da Consciência e Movimento a Todas as Coisas do Universo a partir da lei de contração e expansão e é equivalente a Ìyámi Àjé — Mulher Encantadora (Mãe da humanidade), por estar esta força associada às trevas — as águas — as contrações.

— Àṣẹ é o princípio da Energia e do Movimento Gerado por Ìwá e Àbá e aparece como o Módulo do Universo e é equivalente a Èṣù Módulo — porção — aquele que dá posse.

— Óbàtá-nlá e Yémowó aparecem como o casal da Criação. Aqui Òrúnmilà e Èṣù se acoplam as partículas primordiais do Universo e garantem através da consciência, energia e expansão, contração e movimentos, os Poderes do Criador em relação ao próprio Universo Criado.

Todas as oferendas são destinadas a Olódùmarè que é visto como o Próprio Deus – Senhor da Criação e dos destinos. Contudo, Ele não interfere na vida dos humanos e nem toma conhecimento das atribuições que vivem na face da Terra. O seu Culto é resultado das oferendas que se entregam aos Òrìṣà para encharcar as suas mãos, desde que uma “porção” seja entregue a Èṣù, caso contrário, Ele não permite que os Òrìṣà passem com os pedidos dos seus devotos. Pois, Èṣù ao contrário do que dizem não está a serviço de Òrìṣà algum — Ele só é amigo de Òrúnmilà.

As grandes Oferendas, aquelas que são determinadas por Ifá, são entregues diretamente a Èṣù que as transporta para o Céu = Òrun — o Céu yorùbá é apenas o espaço além e nada tem haver com qualquer referência à luz.

— Obàtá-ńlá, às vezes, é visto como o próprio Olódùmarè e representa o Òfú-uru-fú, o Ar da atmosfera, e Òdùdúwà, a própria Terra. Ambos são representados por uma cabaça dividida ao meio e justaposta. Aparecem como o recipiente da Existência e designam a Abóbada Celeste sobre a Terra fecunda — Divino e Mundano caminham unidos sem qualquer distinção, pois são a mesma Divindade.

É, pois, com o acoplamento dessas duas divindades — Céu — Terra, que os Òrìṣà se multiplicam sobre a Mãe Natureza manifestando vários aspectos necessários à existência da humanidade, refletindo no meio ambiente suas atividades sociais.

As tribos africanas costumam cultivar Òrìṣà individuais buscando um refinamento genético bastante apurado para todo o grupo étnico. No Brasil, por força das circunstâncias, esse costume foi deixado de lado e todos os Òrìṣà foram reunidos no mesmo culto. O que se perde em termos de tradição é recuperado em função da união, força e beleza desse espetáculo de Culto chamado no Brasil de Candomblé. Este é nome rebucado para fundamentar o sincretismo religioso.

Vale dizer que a finalidade deste Culto em suas origens era a de promover a unidade social de cada povo ou povoado. Aqui as pessoas passaram a ser separadas e por uma razão ou outra a realidade que se consegue ter dessa situação é que os escravos mesmo que vivessem em grupos se sentiam uma unidade neste outro mundo. A história mostra que quem tem força, tem força! Pois, a base de conhecimento e união, esta força foi expressada através do reagrupamento dos vários povos dispersos, mais já libertos da escravidão que deram origem ao Candomblé na Bahia. Dali, a cultura Nagô se espalhou por todo litoral brasileiro e influenciou em quase todas as expressões do Culto aos Òrìṣà porque o povo yorùbá é extremamente forte e resistente. Logo, conseguiram mesmo entre as adversidades manter os seus costumes religiosos com certos traços de originalidade. E, isso, pode ser observado nesta orin (cantiga) para Orí (cabeça) de origem africana:

Orí làbà bọ,
 Làbà bọ òrìṣà
 N'íjo Orí mbè ni.
 N'ìgbó ni òrìṣà wà o!

25 Èṣù-Şigidi

A cabeça é o recipiente de adoração ao orixá.

A bolsa (recipiente) de adoração ao orixá.

Dança cabeça para suplicar.

A floresta do orixá existe!

Vejamos, agora, uma orin (cantiga) brasileira que demonstra um grande esforço pela preservação do Sagrado:

Orí kàtà bọ òrìṣà

Orí kàtà bọ òrìṣà

Òrìṣà a eee!

Òrìṣà a eee!

Cabeça é o cume de adoração ao orixá,

Cabeça é o cume de adoração ao orixá.

Orixá nós estamos felizes!

Orixá nós estamos felizes!

Entretanto, há distorções que para ser aceita é preciso absorver muito bem o conceito de tolerância — uma orin (cantiga) exemplifica isso:

Şàngó e pa bi ārá àiyé.

Şàngó e pa bi ārá àyié o.

Xangô mata violentamente atirando raios na terra.

Xangô mata violentamente atirando raios na terra.

No Brasil, esta orin (cantiga), o “normal” é que cantem assim:

Xangô é pá de arara ê.

Xangô é pá de arara ê o.

Vejamos outro exemplo:

Ògún ṣékórè ká n'ìṣu ki ó dè.

Ògún sékórè ká n'ìṣu l'onòn.

Ogum faz a colheita dos inhames que estão maduros.

Ogum faz a colheita dos inhames no caminho.

Todavia, o comum é ouvir as pessoas cantando assim:

Ogum xêcôrê ta no poço, cadê?

Ogum xêcôrê ta no de cá!

Assim, há uma infinidade de expressões do povo de Candomblé que estão tão bem enraizadas que não há quem se atreva a dizer que elas estão fora do contexto da própria cultura religiosa. Pois, quem assim o fizesse, seria visto como uma pessoa que ofende “as tradições”. Mas, é preciso levar em consideração que quando o povo canta seus corpos se agitam em grandes “sacolejos” causando um grande alívio ao estresse. Logo, isso é bom! Bom pois, toda expressão corporal serve de exercício para o espírito. É preciso, então, tolerância com aqueles que sabem menos e que aprendamos a conviver com essas diferenças.

Outro assunto bastante interessante é o fato de se dizer sem ressalvas que os Òrìṣà são Forças, Elementos da Natureza ou que estão relacionados a Ela — os Òrìṣà vieram do Céu, de alguma estrela ou planeta distante. Os Elementos os representam. A falta de entendimento disso, faz com que sejam confundidos com antepassados humanos divinizados.

Exemplo: Ṣàngó Baru é uma das divindades que aparece nessa categoria, pois foi rei de Oyó e tornou-se Òrìṣà graças ao domínio que possuía sobre a “Força do Fogo”, pelo poder administrativo e pelo senso de justiça para com o povo — Bárù significa aquele que ajuda alguém a carregar sua carga; esta é a importância a Ele atribuída.

Entretanto, é um antepassado humano “Ègúngun” elevado ao status de “Divindade — Òrìṣà” porque assim o povo quis. Logo, Ele não é uma Divindade original da Criação do homem, mas uma Divindade associada ao raio por estar acoplado à Terra.

Àjakutá = O mortífero atirador de pedras do Céu à Terra, é um Ìmònlẹ = Iluminado — também é Ṣàngó. Porém, é uma Divindade de concepção, está relacionado ao raio e ao trovão, é visto como o Leopardo do Céu e é temido por todos!

Assim, temos os Òrìṣà de concepção como exemplo — Ọsányìn, Òrìṣà das folhas ou floretas, que é uma divindade da humanidade e aqueles que mesmo estando acoplados às forças da Natureza, são forças espirituais de grandes personagens históricos privilegiados — reis, rainhas ou guerreiros vassallos que foram elevados à condição de Òrìṣà pelo povo, devido ao poder sobre alguma força da Natureza, segundo seus próprios mitos, ao invés de morrerem, se

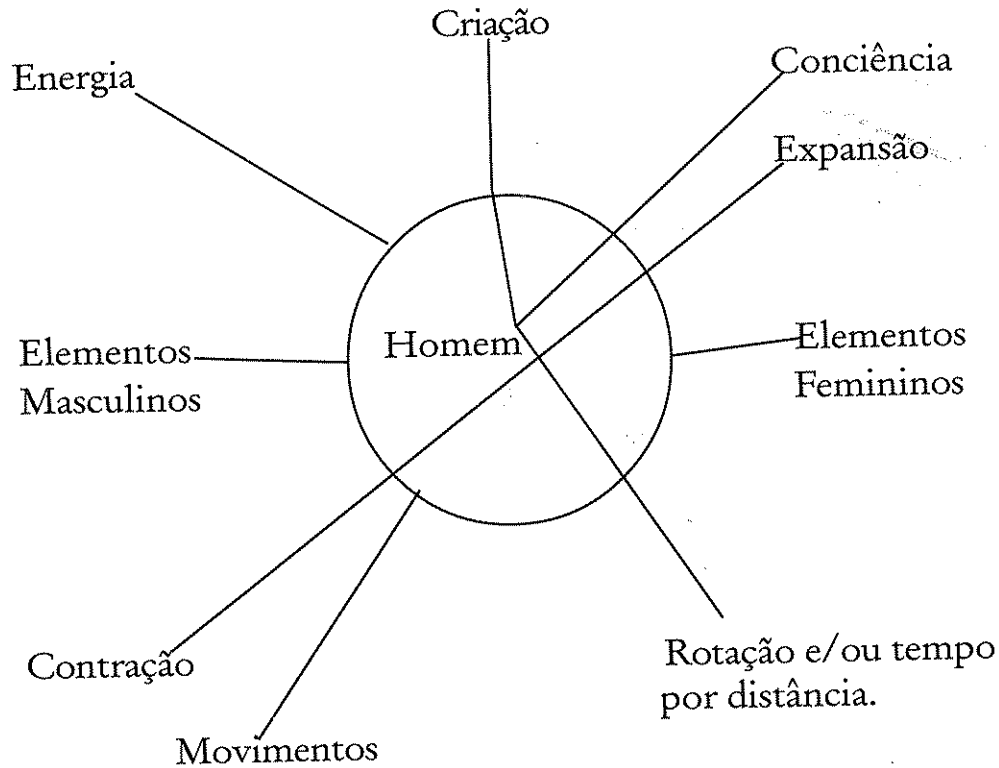
transformaram em rios, lagoas, árvores ou adentraram a Terra como consta ter acontecido com Ògún que é louvado em algumas de suas Orin (cantigas) como Oní-Kòtò = Senhor do buraco.

Desse modo, muitos Òrìṣà são forças que estão acopladas a Natureza, mas não é a Natureza em si. Os Òrìṣà dessa categoria têm seus descendentes diretos que continuam lhes fazendo Culto, evocando-os como seus antepassados e lhes servindo de intermediários entre Eles e as forças da Natureza da qual acreditam – controlam ou representam.

São as aventuras, as paixões e as “guerras míticas” promovidas por essas divindades que se recriam em forma de rituais e de acordo com seus mitos – mitos que descrevem soluções para todos os eventos da vida humana.

Infelizmente, a maioria das pessoas envolvidas no Culto aos Òrìṣà buscam essas soluções mais de modo intuitivo do que embasada na sabedoria que o Culto oferece. Geralmente um “carderninho” com receitas de ẹbọ substitui o Ifá (Oráculo) e tudo vira receita de bolo. Com isto, quem perde é a religião por não obterem os resultados desejados.

Cosmo-visão do Culto aos Òrìsà:



Orlando J. Santos d'Ògún Dímòlòkò

Você amanheceu bem?
Não deixa a sua cabeça estragar o dia.

Èṣù

Modúlo, porção, aquele que...

Èṣù yè!

Exu está vivo!

Laróyè é uma contração de **Larí-Óyè!**

Se refere a consciência que se deve ter em relação a tudo.

Ìyáwó, Èṣù é o principal Òrìṣà! Mas, para compreendê-lo é necessário conceber a importância de outras Divindades:

— Ọlòṛun é o Deus dos deuses e é revelado nos relatos de Ifá como o Senhor do Destino de Todas as Coisas. Existem muitas Divindades e de acordo com o Credo yorùbá o total é de 601. Como este número é místico, só poderá ser interpretado como incontáveis. Consideram 400 Divindades da direita + 1 (Èṣù — símbolo de movimento e continuidade) + 200 Divindades da esquerda = 601. Todas com atributos especiais, poderes e funções específicas. Porém, todas podem conceder filhos, proteção e outras bênçãos aos seus devotos.

— Ọbàtá-nlá, Òrìṣà-nlá ou Òṣàlá — o Rei do pano branco é apresentado como aquele que Criou o primeiro homem e que, se acredita continuar a moldá-los nos ventres maternos.

— A palavra Òrìṣà, embora seja, não deveria ser usada como sinônimo de Èḃọra (força caótica) pois, para ser Òrìṣà é preciso que seja de característica branca ou do panteão de Ọbàtá-nlá (Rei do pano branco).

Divindades como Ògún, Èṣù, Ọbàlúwáiyé, Ọsányìn e tantas outras, não são Òrìṣà, e sim, Èḃọra. Também há o conceito de que todo Èḃọra pode ser transformado em Ser Divino de comunicação, ou seja, em Òrìṣà.

— Ọlòḃrun, (Senhor do Céu ou Aquele que Possui o Céu), aparece identificado com Olódùmarè. Dizem que Erè (Jibóia) é o nome da mãe dos 16 Oráculos (Odù Ifá) e que Ọlòḃrun é o seu 17º filho. Consta que antes de Ọlòḃrun nascer, Erè dissera a Ifá que daria à luz a uma criança mais importante que qualquer outra existente no Céu ou na Terra. Quando a criança nasceu chamaram o filho de Erè — Olódù — ọmọ — Erè = Olódùmarè = Senhor Supremo de Todas as coisas — o Rei do Céu.

— Èṣù, embora a Ele, sejam feitas referências de “o agente do mal”, não se encontra em toda cultura africana qualquer elemento que possamos assim, classificá-lo. Logo, isso não passa de preconceito ou falta de entendimento sobre o caráter desta Divindade.

É muito comum ouvir as pessoas dizendo: “Assentei o Exu de Ogum ou de outro Orixá qualquer...”, tudo bobagem! Èṣù é inimigo de todos os Òrìṣà! Há um Itàn (mito) que diz ter sido os Òrìṣà obrigados a dar um pedaço de suas próprias bocas para que Èṣù pudesse representá-los no Ọrun (Céu) — Ele só é amigo de Ọrúnmilà. Mesmo assim, Ọrúnmilà deve oferecer-lhe uma parte de tudo que recebe sob pena de Èṣù estragar o seu trabalho.

Por isso, todas as oferendas (ẹbọ) que forem descritas nos Itàn-Ifá (mitos de Ifá) são entregues à Èṣù Ọsẹ-tùrá — o Guardião da Ìkóríta-mẹta ìpàdé Ọrun = bifurcação que atrela o Céu à Terra. Quando qualquer outra Divindade deseja um sacrifício para livrar o seu devoto de alguma situação, é preciso que uma mensagem seja enviada através do Oráculo de Ọrúnmilà (Ifá). Mesmo servindo a todas as Divindades desta maneira, Ele não é servidor de nenhuma, Também não é o pai de todas como diz outros. Ele é cérebro de Ọlọrun.

— Èṣù aparece de fato como trapaceiro — manhoso — sagaz e causador da desordem mas, é indicado pelo próprio Ọlọrun para vigiar as Divindades e os humanos. Representa a “mão forte” do Senhor do Céu, criando contratempos, Èṣù pode começar brigas, matar pessoas, provocar calamidades. Suas travessuras são terríveis! Isso para o iniciado não afeto aos cumprimentos dos deveres relacionados ao Culto, resulta sempre em tragédia. Mas, sua função principal é fazer a entrega dos sacrifícios nas mãos de Ọlọrun e relatar a razão pela qual o mesmo foi feito e quem o fez — é aquela Divindade que intermedia o contato do homem com o seu Criador.

Quanto à reputação de maldoso que possui, decorre do fato de ser Ele o executor das ordens Divinas. É cultuado principalmente para não atrapalhar o nosso caminho ou para atrapalhar o caminho de alguém. Pois, fazendo “fofocas” contra aqueles que são negligentes, espera ordens para que possa puní-los com o maior prazer.

Na qualidade de criador do sangue que anima a vida, detém o poder da vida e da morte. Logo, a todo homem é aconselhável lhe fazer sacrifícios para que possa garantir a própria continuidade. Pois, como um diplomata, Èṣù é

convincente, eloqüente e sem falhas! Enxerga no escuro e está sempre cuidando do equilíbrio das coisas Sagradas, desempenhando a função de Senhor da fecundidade e/ou procriação e é representado em seu Ojúgbọ (Altar ou Assentamento) com o pênis ereto que propõe a redescoberta do caminho rompido pela separação do Céu/Terra. Que apesar de ser um princípio determinado pelo homem, reflete os segmentos do Universo. Visto que através do ato sexual é que se dá o restabelecimento do princípio dual. Sendo, pois, Èṣù, a Divindade da Ordem! Ele controla o senso da humanidade e estabelece o equilíbrio entre vivos e mortos, preside as encarnações e desencarnações dos espíritos, abre caminhos, quebra barreiras e impede os encontros violentos das forças desfavoráveis da Natureza — só aparece como fazedor de travessuras porque a humanidade não está preparada para conviver com leis tão rígidas. Daí as associações ridículas que os homens de cultura cartesiana “padres e pastores” fazem de modo absolutamente preconceituoso, pois mesmo não conhecendo Èṣù, falam Dele confundindo-o com o Demônio “Deles!”. À Ìyáwó, cabe ter uma visão ampla sobre este assunto para não se deixar levar pelos argumentos dessas pessoas, que de Deus, sabem muito pouco.

É preciso que a Ìyáwó entenda que se Orunmilà é a consciência de Olódùmarè, Èṣù é a mesma coisa! Assim sendo, para atingir a sua essência ou consciência é preciso que se tenha uma concepção limpa a respeito do seu caráter e da sua importância como mensageiro dos homens e Guardiã dos Sacrifícios.

Se Òrìṣá-nlá tocando seu Ọpá-ṣoro, (cajado de caminhante), sobre a Terra separou a matéria do espírito, e sendo Èṣù o intermediário, não se pode negar,

Ele é o Porteiro do Céu, o Guardião de Olódùmarè, o que impede a passagem dos espíritos. É preciso compreender que o poder de Èṣù é ilimitado!

Ele é temido por todos e é capaz de pregar peças em Òrúnmilà e no próprio Olódùmarè — a cada segundo um adepto que não compreende isso é prejudicado em seus estudos sobre o comportamento de Èṣù. Enquanto isso, Olódùmarè dorme sono profundo!

A atitude que se deve ter diante de Èṣù é de respeito! Pois existem avisos carregados de obrigatoriedade para os praticantes do Culto em detrimento de suas obrigações:

“Quem tem dinheiro reserva a parte de Exu”.

“Quem tem felicidades reserva a parte de Exu”.

“Se Exu não come, Ele não o deixa engolir o alimento”.

Caso contrário, o fazedor de travessuras tornar-se-á incidentalmente antipático e malicioso – capaz de provocar grandes confusões e de promover situações complicadíssimas. Deve-se fazer-lhe culto, abraçar o seu lado favorável, sem no entanto, estar de amores com Ele, é a melhor atitude. Tamanho poder, somente Olódùmarè pode conter.

Desse modo o indivíduo que manipula Èṣù não pode ser qualquer um. A “visão” deve ser clara, objetiva e ir além da fé, da boa vontade e do amor, aqui o que vale é o conhecimento.

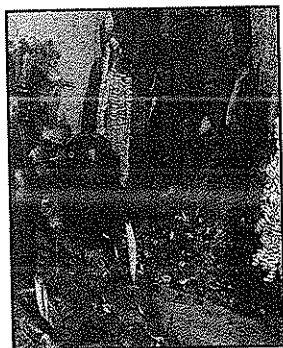
Visto que, em todo ritual tem-se um referencial de partida que objetiva um ponto de chegada dentro de um contexto, no caso de Èṣù não é fácil alcançar o âmago de suas múltiplas manifestações. É preciso vê-lo como criação proeminente da maldade que exalta o bem. Se o Sacerdote não entender isso

muito bem, passa a sofrer de “emoções baratas” como os crentes, achando, ser Ele, o destruidor absoluto da vontade de Deus.

Não se pode negar que a falta de conhecimento tem levado, até mesmo os iniciados no culto, a fazer referências a Èṣù de modo bastante pessimista. Mas, a visão que se tem do demônio são as descritas nas Escrituras Sagradas que o retratam como uma entidade espiritual maligna — e, quem é que quer o demônio para si? O certo aqui é dizer que, eles precisam do demônio para justificar a falência dos Sacerdotes que vendem Deus e que encontram em Èṣù os atributos necessários às suas enganações”. Cegos, dão asas a uma imaginação pouco fértil e fazem a bel-prazer interpretações sobre uma cultura religiosa, cujo conhecimento e entendimento só se adquirem em cima de folhas — essência de vida que despertam as consciências inertes.

Èṣù yè!

(Exu está vivo!)



Ojúbọ Èṣù n'Ilé Ògún Dímòlòkò.

Entendendo os rituais de Èṣù

— Èṣù domina todos os processos que animam a vida, por ser Ele o próprio Àṣẹ que surge da contração de Ìwá e Àbá e aparece como o Guardião da Ìkóríta-méta Ìpádé ọrun = Bifurcação que atrela o Céu à Terra.

— Ìyámi Ọṣṣòrónzá = Minha Mãe Feiticeira do Pássaro da Morte, é a doadora dos óvulos com os quais foram manipulados a Criação do homem, e aparecem como a força da própria composição terrestre e/ou a força gravitacional. A mais antiga Divindade dessa Comunidade Espiritual no Céu é Ìyé Ìbiru = Recipiente da Existência, Mãe de Èṣù e Mulher de Ọrúnmìlà.

— Egúnḡun, Ancestral, talvez seja esta a Divindade mais difícil de ser compreendida. Isso por ser Àkódá, Início da Criação, o próprio Olódùmarè, e Àṣèdá, Início da Lei ou criador, o próprio Ọbàtá-ńlá. Nisso, reside a falta de entendimento sobre Egúnḡun, por ser Ele, o Criador dessas Dinvinades, Olódùmarè e Ọbàtá-ńlá, em cima de folhas — Ewé Igi ọpẹ, Folhas novas de palmeira de dendezeiro. Ou seja Egúnḡun é aquela folha que proporciona a vida, a instabilidade e garante o movimento = Instabilidade X Estabilidade = combinação de Folha X Estrutura humana — isto é Égúnḡun = Ọsányìn (folha) e Ọgún (ferro).

É por isso que o ritual do Ìpàdé, Reunião das Divindades, é destinado a Èṣù, Ìyámi Ọ̀sòòróngá e Egúngun para que se possa receber as bênçãos do espaço, da estrutura terrestre e obter movimento. São Divindades que estão interligadas ao sistema de rotação e de translação da Terra.

É preciso que isso seja feito para que surja de Èṣù o seu lado favorável Ìmónlẹ̀, iluminado, evitando assim o seu lado obscuro, Èbọra, Caótico.

Compreendendo que Èṣù é o próprio *Àṣẹ*, que surgiu da contração de Ìwá e Àbá, e que aparece como Senhor da Ìkóríta-méta Ìpàdé ọ̀run, Bifurcação que atrela o Céu à Terra, logo entenderemos que Ele age de acordo com os movimentos dos átomos, por serem, os átomos Ele mesmo. Entretanto, estes movimentos podem não estar em sintonia com a pulsação do Sacerdote que o manipula, simplesmente por não entender a importância da respiração, da entonação e do ritmo. Conhecendo este “segredo”, o Sacerdote poderá manipulá-lo de acordo com a sua própria vontade e usar tanto o seu lado Divino quanto o seu lado desordenado (...).

Se o desejo do Sacerdote é ir contra os princípios da Natureza porque é um desequilibrado, pode mudar a estrutura desses princípios. Pois, quem se propõe a lidar com Èṣù, deve ter, no mínimo, noção da própria força. Isso significa que o indivíduo pode “por ignorância” passar a tratar Èṣù como uma Divindade do mal e até associá-lo ao diabo pregado pelos pastores. Entretanto, é fácil observar que o ruim em tal situação não é Èṣù, e sim, o sujeito que deve ter absorvido muito bem as mensagens do “Fala que o diabo te escuta”.

Pois, quando o assunto é magia, absolutamente tudo pode ser divinizado, desde a fome até a prosperidade. Bastando ao Sacerdote ser especialista no assunto — o que se julga aqui é a índole do indivíduo.

Quando Ifá (Oráculo) determina que um indivíduo é filho de Èṣù significa que tal pessoa já nasceu “autorizada” para lidar com a espiritualidade. Pois, sendo Èṣù a contração e Òrúnmìlà expansão do sistema (um dentro e o outro fora), são Eles os mensageiros entre os Òrìṣà, Olódumàrè e os humanos. Todos são de Èṣù! Todos são de Òrúnmìlà!

Entre Òrúnmìlà e Èṣù existe um elo forte. Tão forte que através de um, é possível atingir a essência do outro, ou seja — qualquer outro Òrìṣà que aparecer no meio desses extremos é composto da essência de Òrúnmìlà e Èṣù.

Mas, por causa das associações ridículas que fazem de Èṣù com o Demônio Cristão, há muitos Sacerdotes que ao confirmar no Ifá que um determinado indivíduo é filho de Èṣù simplesmente se perdem e não sabem o que fazer. Pois, também, são motivados pelos “preconceitos” e acabam iniciando a pessoa em outro Òrìṣà ao invés daquele identificado. Mas não estão errados porque quem é de Èṣù pode ser iniciado em qualquer outro Òrìṣà. Basta analisar o contexto da vida social da pessoa e encontrar um Òrìṣà que se enquadre melhor. De qualquer forma Èṣù está dentro do corpo do iniciado como Èṣù Bara (Exu do corpo).

É preciso aniquilar a visão de que uma pessoa é obrigatoriamente de Èṣù. Esta rigidez não faz bem a ninguém, porque os Òrìṣà também estão em desenvolvimento e expansão e não estão mortos ou inertes, ao contrário, estão vivos e vivem em cada um de nós.

— O nome Èṣù é apenas um Oríkí, Saudação as suas origens e qualidades familiares.

— Èṣù significa módulo, porção, aquele que dá posses.

Èṣù é conhecido por vários nomes:

— Èṣù Ọlà Ilú = Aquele que dá posse, jóia ou riqueza da cidade.

— Èṣù Ọdàrà = Módulo Bonito.

— Èṣù Ọbà Alákétu = Exu Rei e Senhor de Kétu.

— Èṣù Ọlójà = Exu Senhor do mercado.

— Èṣù Ọjíṣé = Exu Mensageiro.

— Èṣù Ẹlégbára = Exu Senhor da força ou poder.

— Èṣù Tirirí = Exu Rápido, rápido (esférico).

— Èṣù Ẹnubàrìjọ = Exu da boca que pede na reunião.

É aquele que advoga e por este nome o evocamos para que permita aos Orixás passar com as oferendas dos seus devotos ou, que interceda por Eles ou por nós no Céu e cujo Título mais importante é Alágbára, Senhor do Poder ou Poderoso.

Todos estes nomes servem apenas para ilustrar, pois Èṣù tem duzentos nomes e a Ele não importa como é chamado ou evocado, desde que seja um nome de louvação e que exalte as suas qualidades (não confundir com vários

Exus — isso não existe). Entretanto, o seu verdadeiro nome é Èrò-ní-mọ̀-sàn. É este é o nome pelo qual devemos chamá-lo para provar que o conhecemos.

Èṣù tem um comportamento agitadíssimo e a sua responsabilidade é entregar as oferendas e relatar os pedidos dos devotos feito aos Òrìṣà a Olódùmarè e isso já foi dito e repetido várias vezes.

Mas, a história nos conta que Èṣù foi Rei de Kétu. Se for um Rei ou Rainha, pode ser raspado — este é o conceito tradicional mesmo.

Um Ìtàn Ifá (mito de Ifá) do Odu Ogbè'Atè, diz que:

Fingir-se de doente para saber quem lhe daria um remédio — Fingir-se de morto para saber quem lamentaria a sua morte — Andar nu pela cidade como uma pessoa desorientada para saber quem teria a generosidade de oferecer uma roupa — Tropeçar numa corda para saber quem lhe daria socorro — consultaram Ifá para Òrúnmilà no dia que Ele resolveu conhecer seus inimigos.

Os Òrìṣà eram, até esse dia, “seus amigos”.

Òrúnmilà era o Adivinho dos Òrìṣà e queria saber qual dentre Eles era um amigo leal.

Òrúnmilà foi orientado a fazer um sacrifício — Òrúnmilà o fez.

Òrúnmilà chamou seus filhos e disse:

“Saíam pela cidade tocando agogo-ãgo (sino) e anunciem a minha morte”.

Eles foram à casa de Òrìṣà-ńlá e este disse: “Se Òrúnmilà morreu devolvam os meus èfun (gizes)”.

Foram a casa de Ṣàngó e este disse: “Achava que Òrúnmilà nunca morreria, como morreu, quero que devolvam os meus èdùn-ara (machados de pedras atingidas por raios)”.

Os filhos de Òrúnmilà foram a casa Òsun, cantado:

“Nosso pai foi-se embora desta terra, Ele morreu!”.

“Nós saudamos Òrúnmilà o Adivinho humano que carrega èbọ foi-se para sempre!”.

Òsun surpresa com a notícia os lembrou de suas Ide (pulseiras de bronze) estavam com Òrúnmilà e as pediu de volta.

Depois de ter tocado agogo-ãgo perto da casa de todos os Òrìṣà e todos reclamarem a devolução de algum bem, Eles foram a casa de Èṣù.

Lá chegando, ao saber da notícia, Èṣù ficou muito triste e pediu que sua cabeça fosse raspada em homenagem ao amigo, dizendo: “Òrúnmilà foi a minha fonte de sobrevivência”.

Impressionados com a atitude de Èṣù voltaram imediatamente e contaram ao pai o que viram e ouviram — Èṣù havia mandado molhar e raspar a cabeça em honra Òrúnmilà.

Òrúnmilà pediu para voltarem a casa de Èṣù e avisá-lo que Ele não havia morrido e que era uma brincadeira para descobrir quem de fato era seu verdadeiro

amigo. Recomendou também, advertir quem o estava raspando para não jogar água na cabeça de Èṣù — que passasse somente azeite-de-dendê para acalmá-lo.

Èṣù nunca havia raspado a cabeça. Quem o raspou, raspou primeiro o lado direito e depois o lado esquerdo.

Quando Eles chegaram a casa de Èṣù viram que só restava um pouco de cabelo em sua nuca (começaram aí a raspar Èṣù: “Somente o lado direito ou toda a cabeça deixando um pouco de cabelo na nuca”.

Desde aquele dia, (por causa da deslealdade), Òrúnmilà deixou de ser amigo dos Òrìṣà passando a ter como amigo fiel somente Èṣù.

Porém, se o Sacerdote não tem conhecimento da origem de Èṣù Ihe é conveniente que inicie a pessoa em outro Òrìṣà e, através deste, atingir a sua essência — é mais fácil e também é correto.

De acordo com os nossos méritos na vida acabamos por receber Títulos. Èrò-ní-mọ-sàn devido as suas qualidades ganhou o Título de Èṣù Ọlà-Ilú, Èṣù Alágbára e outros... Um Itàn-Ifá, (mito de Ifá), do Odù Èjì-Ogbè, (Código), explica como Ele ganhou o Epíteto de Èṣù = Módulo, Porção ou Aquele que dá posse.

Aqui Ele aparece com Título de Alágbára = o Poderoso. O que significa que estar acoplado a Òrúnmilà, então, por favor, tenha respeito. Pois foi dessa junção que Ele ganhou o Título de Èṣù Alágbára Ọbà Alákéku = Exu o Poderoso Rei e Senhor de Kétu.

O mito diz que:

— Uma seca terrível assolou de tal forma a Terra que as pessoas mais pobres ficaram sem água e sem comida.

Um casal desesperado com a situação resolveu consultar Ifá, (Oráculo), e o Bàbálawo lhes disse que precisavam ter um filho para solucionar o problema.

Questionaram: “Como teremos um filho se não temos comida nem para nós — há três dias não comemos direito!”.

O Bàbálawo falou: “Coloquem uma cabaça no quintal que logo terão um filho e o que comer também”.

Voltaram para casa e realizaram o sacrifício — o Menino nasceu.

Ao nascer, o Menino levantou-se, pegou a cabaça e saiu atrás das pessoas ricas pedindo que colocassem as comidas na rua. Argumentando: “Não é certo que guardem os suprimentos em suas casas há muitas pessoas passando fome”.

Assim, o estranho Menino, avisou a todos! Porém, ninguém deu ouvidos ao Moleque.

Acontece que antes do Menino nascer, Òrúnmilà já havia aconselhado aos ricos a fazer isso para que as pessoas mais pobres tivessem o que comer — mas ninguém ouviu o conselho.

Então, Òrúnmilà resolveu enviar o seu mensageiro, (o Menino), para obrigá-las a distribuir os suprimentos de modo justo.

Como da primeira vez não foi ouvido, o Menino usou a Força do Espírito contido na Àdó, Cabaça Sagrada de Èṣù, e dali retirava “Pedras Sagradas” e atirava nas casas que pegavam fogo e os ricos apavorados colocavam na rua o que tinham estocado em suas casas, surgindo daí a feira ou mercado livre.

Neste Itàn, tanto Òrúnmilà quando Èṣù nos chamam a atenção sobre a questão do egoísmo. Ambos têm a mesma visão e falam a mesma linguagem: “A vida tem que ser boa para todos!”. Além de nos dar uma visão ampla sobre a organização social do mundo.

Este Itàn, (mito), justifica a maneira como se assenta o Ojúbò, Altar de Èṣù Ọlójà, Exu Senhor do mercado, que leva os seguintes materiais:

- Uma cabaça grande, (aquela que foi recomendada por Òrúnmilà que fosse posta no quintal), avisando ao casal que Èṣù mora do lado de fora.
- A cabaça é revestida com tecido vermelho;
- O tecido é revestido com búzios = dinheiro;
- Duzentas, (significa muitas), pedras pequenas de caminho, Pedras Sagradas com as quais Èṣù ateou fogo nas casas.
- Mil e duzentas divisões de dinheiro, (moedas que representam a restituição aos favores de Èṣù), adú, osùn e ẹfun;
- Seis Ìkòdìdẹ, penas da calda do papagaio africano cinza (odídẹrẹ), que lembram o aspecto do fogo;
- Seis Àdó-Ìran, Cabaça da descendência, cheias com àgúnmu (pó medicinal preparado com 201 obì torrados), das duzentas e uma Divindades;

— Odù Ifá Ọ̀bàrà-K'orosùn preparam-se seis. Um fica no Ojúbọ̀ Èṣù e os demais são distribuídos pela cidade;

— Sacrifício para o Ifá: Um Ìgbìn (caracol), um preá e um pombo — os sacrifícios são feitos na mesma ordem;

— Sacrifício para Èṣù: Uma ẹ̀tú, galinha d'Angola — por ser esta, uma ave que busca todos os pontos de fuga quando fica presa e por tê-lo capacitado a tornar-se o Rei de Kétu;

— Bebida Gim;

— Seis obì de seis partes ou um obì dividido em duzentas partes e soprado sobre o Ojúbọ̀ Èṣù para lembrá-lo de sua história. Assim, Ele saberá que temos consciência de sua origem e atenderá os nossos pedidos.

Èsu também é chamado de:

— Àiyé lójà = mundo onde se faz negócios.

— Àiyé lójà owó nilé = mundo onde se faz negócio ou espaço além da nossa casa.

— Ọ̀mọ̀ lójà Ọ̀kiti Ẹ̀fón = Filho do Dono do mercado de Ọ̀kiti Ẹ̀fón.

O importante para se cultuar os Ọ̀rìṣà é ter uma concepção limpa sobre o caráter de cada Divindade e saber evocá-los a partir da origem de cada um, como no caso de Èṣù. Ou seja, sabendo quem é o seu pai e enunciando o seu destino, tudo fica mais fácil. Pois, provamos a Ele que temos consciência e sabemos o que estamos fazendo e por quê estamos fazendo. Assim, lembrando a sua origem: Èṣù onilé Ọ̀bà Ìkọ̀rita-mẹ̀ta ìpàdé Ọ̀run, Ọ̀kònrin Alágbára ọ̀mọ̀ Olójà Ọ̀kiti Ẹ̀fón, Ọ̀lálú, Ọ̀bà Alákétu... Exu Senhor da casa, Rei da Bifurcação

que atrela o Céu a Terra, Homem Poderoso, Filho do Dono do mercado de Òkítì Ẹ́fón (Cidade), Riqueza da Cidade, Rei e Senhor de Kétu (Cidade)... É certo que Èṣù irá responder a nossa evocação. Èṣù sabe que o estamos evocando para o bem.

Èṣù é considerado Ajé (Riqueza). Pelo menos é este o significado de Ọ̀lálú, Jóias ou Riqueza da Cidade que muito embora seja confundida com um Òríṣà, não é! É uma tradição cultural. Logo ao lado do seu Ojúbọ pode haver um Ọ̀pa-ajé = Cajado da riqueza.

Dinheiro é um dos maiores sacrifícios que se faz a Èṣù. Por isso, dinheiro que se dá na rua é uma grande oferenda (ẹ̀bọ) e serve para que as pessoas que o recebem fiquem nos devendo. Desse modo haverá comunicação sucessiva entre os Òríṣà e os seres humanos.

A relação de Èṣù com os búzios

— A relação de Èṣù com os búzios não é atribuída a Òrúnmìlà e sim a Olókun = Senhor ou Senhora do mar (vale ressaltar que o correto é Senhora).

Um Itàn (mito) revela-nos, o seguinte:

Èṣù matreiro como sempre ao encontrar-se com Olókun, disse: “Olókun você precisa colocar aquelas “formiguinhas brancas” (búzios) que você tem em sua casa na rua — bota isso na rua!”.

Olókun aceitou o conselho de Èṣù e no dia seguinte a praia amanheceu repleta de búzios.

Quando as pessoas os viram foi um alvoroço enorme.

Olhavam, olhavam e comentavam:

— “Que coisinhas bonitinhas, branquinhas, branquinhas!”

Um perguntava para o outro:

— “O que Olókun fez?”.

— “Ah, Olókun colocou os búzios na rua!”.

— “Olókun é dona disso?”.

— “Olókun é cheia disso e não ficará pobre só porque botou um pouquinho na rua!”.

Desde aquele dia os búzios ficaram conhecidos por dinheiro (o primeiro dinheiro do Mundo) e Olókun (por tê-los doado) passou a ser considerada a Dona da Riqueza.

Porém, não podemos considerar a riqueza de Olókun sem observar a influência de Èṣù neste caso. Logo, Èṣù também é Rico — é Ajé.

É importante que o tenhamos dentro dessa concepção. Pois, como Ajé pode ser moldado (assentado) em pequenas conchas marinhas e ser transportado no bolso, na bolsa ou deixá-lo enfeitando a mesa do centro da sala ou do escritório. Isso é — Èṣù Àwúre = Exu do feitiço para obter boa sorte.

Èṣù feito de ferro

Na maioria das casas de Candomblé os Exus são assentados sobre uma haste de ferro de onde surgem vários tridentes. Embora a maioria das pessoas que o fazem assim não saiba, isso está relacionado a uma parte do Culto de Èḍan, (Culto de Egúngun), que proíbe o uso de tridentes para representar qualquer Divindade, o incauto é punido com a morte sobre aquele assentamento “(...). Apavorado ao ver uma “coisa” assim na casa do meu sogro, Ifá Sésìn disse isso”.

Quanto a ser de ferro, creio, não há problema algum. Desde que se encontre um Itàn, (não sei se há), que explique a relação de Èṣù com o ferro. Mas, acredito que de barro seja melhor. Pois, Èṣù Oní-Omi-Yangí = Exu da laterita vermelha ou do barro (pedregulho) pré-histórico e que contém ferro, este sim, é o Èṣù humano. E ainda que seja um ẹbọra (caótico) pode ser transformado numa Divindade de comunicação — Èṣù. Por ser uma porção ou módulo da Terra, podemos moldá-lo. Sendo uma porção da Terra, é inteiro dentro de qualquer espaço. Se Èṣù é inteiro, nos dá a posse do espaço gerado.

Por que Èṣù mora do lado de fora?

O fato de Èṣù morar do lado de fora, também leva as pessoas a pensarem que ele seja o Demônio. Entretanto, trata-se somente de uma Divindade difícil de se lidar. Ele pode ser Ọdára (lindo), Alágbara (poderoso) ou Şigidi — Moldado em barro com absoluto poder de vingar e ou de castigar os incautos.

O Odù Ifá Ogbè'Dí — Oráculo — 21, explica porque Èṣù mora do lado de fora da casa do Sacerdote:

Ogbèdí da árvore e Ogbèdí do alfanje, consultaram Ifá para Èṣù quando Ele trabalhava duro com Ọrúnmilà, Ọrìşà-ńlá, Ọrìşà-oko e Ọgún para saldar suas dívidas.

Pediram para Èṣù sacrificar — èsan (casca de noqueira), nove pombos e 8.000 búzios — o sacrifício o ajudaria a saldar os débitos.

Èṣù recusou-se a realizar o sacrifício.

Èṣù era um grande pescador e sempre que pegava muitos peixes os Ọrìşà sentiam-se ameaçados achando que logo Ele ganharia o dinheiro para safar-se das dívidas. E, para que não tivesse tempo de pescar os Ọrìşà decidiram enviá-lo a vários lugares no mesmo dia.

— Ọrìşà-ńlá mandou que Èṣù fosse a Ìránjẹ buscar o seu ọpá-şoro (cajado de caminhante).

— Ọrìşà-oko o mandou para Ọde-Íráwọ buscar a sua okó (enxada).

— Ògún o mandou a Òde-Ire buscar o seu gbada (facão largo).

Ali perto havia um arbusto onde Èṣù suplicava e obtinha graças — Èṣù suplicou e partiu.

Assim que Èṣù saiu para cumprir as incumbências Eles foram coletar os peixes de suas armadilhas para impedi-lo de ganhar dinheiro. Contudo, Òrúnmilà resolveu consultar Ifá sobre o assunto e Ogbèdí da árvore e Ogbèdí do alfanje o aconselhou sacrificar: seis coelhos, seis pombos e doze mil búzios — Òrúnmilà realizou o sacrifício e Eles puseram os coelhos em sua bolsa.

Quando Èṣù retornou encontrou os Òrìṣà partilhando os peixes — quando o viram, tentaram escondê-los.

— Èṣù entregou as encomendas e perguntou: “Onde encontraram os peixes que estavam repartindo?”.

Os Òrìṣà não sabiam o que responder e, implorando por perdão, disseram que se Èṣù não deixasse ninguém ficar sabendo do roubo, Eles esqueceriam a sua dívida.

— Òrúnmilà disse: “Eu não roubei peixe algum”.

Èṣù viu a cabeça de um dos coelhos aparecendo na bolsa de Òrúnmilà e pensou que fosse a cabeça de um peixe.

— Èṣù disse: “Òrúnmilà você roubou meus peixes e eles estão na sua bolsa!”.

Começaram a discutir e o caso foi levado ao Tribunal da Cidade de Ilé Ifè, onde foi pedido a Òrúnmilà para exhibir o conteúdo de sua bolsa — só encontraram os coelhos.

Èṣù implorou o perdão de Òrúnmìlà que se recusou a perdoá-lo. Èṣù ofereceu a casa e outros bens em troca do perdão, mesmo assim, Òrúnmìlà não aceitou as suas desculpas.

— Perguntaram a Èṣù: “O quê você pretende fazer?”

— Èṣù respondeu: “Irei para casa de Òrúnmìlà e o servirei para sempre”.

Entregaram Èṣù para Òrúnmìlà.

Quando chegaram a casa, Èṣù quis entrar, Òrúnmìlà não permitiu e o mandou sentar-se do lado de fora.

— Òrúnmìlà disse: “Tudo o que eu comer “dentro de casa” compartilharei com você do lado de fora, Èṣù”.

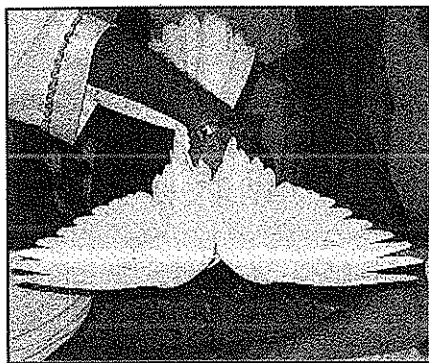
Èṣù individual (?)

Também é comum ouvir as pessoas dizendo: “Esse é meu Exu!”.

Ou, o pai-de-santo dizendo: “Iauô você precisa assentar o Exu de Oiá pra suas coisa andar”. Tudo bobagem ou falta de entendimento!

— Èṣù não é individual nem Oya tem um Èṣù particular!

— Èṣù particular é somente o Èṣù Bara = Exu do corpo, o responsável por todos os nossos movimentos. Este só se assenta no dia da morte. Aí, sim, Ele fica assentado e muito quietinho para todo o sempre! Quem quiser pode ir lá lamentar a perda!



"O dia não luta contra a ave que voa no alto do céu".

Dentro da Cultura Tradicional, ninguém considera Èṣù uma Divindade particular, e sim, comunitária. Qualquer pessoa pode pegar, por exemplo, um obì e oferecer para Èṣù dizendo: “Eu sou fulano de tal, trago o que é bom pra você, e em troca, quero o que é bom para mim!”.

Isto é o desejo em ação! Logicamente se não houver nenhum problema com o sujeito Èṣù aceitará tranquilamente a troca.

Dessa forma, qualquer pessoa pode chegar perto Ojúbọ (Altar) Èṣù da minha casa e fazer uma pequena oferenda e pedir um favor — tudo vale! O importante é satisfação de cada um.

É claro que o vínculo maior “deste” Èṣù é comigo por ser eu quem o desperta todos os dias para cumprimentá-lo — mas é só isso, eu não sou o dono de Èṣù!

Como funciona o assentamento de Èṣù

No centro há um Ifá àwúre (fetiche) que deve agir com absoluta neutralidade para captar e distribuir as energias sem fazer julgamento das mesmas — se positivas ou negativas. Só assim, qualquer pedido vale!

Assim como o àwúre que fica no centro do assentamento, outros iguais são distribuídos pela cidade, caminhos, rios, florestas, etc., que fazem ligação entre si e que são responsáveis pela distribuição das energias acumuladas no àwúre principal.

Isso deixa o assentamento de Èṣù capaz captar e de distribuir sem causar o resfriamento do Ifá àwúre principal. Pois, se isso ocorrer as energias captadas

não se desprendem do ambiente e causam dano — Este é o Segredo – Cuidado! Por ser um fator importante entender a questão da *luz* em qualquer ato de comunicação a Olódùmarè (Deus). Pois, Èjì-Ogbè, o principal Código de Ifá (Odù) de onde Èṣù surge acoplado com Òrúnmilà é gerado inteiramente de *luz* que é aparentemente branca. Sendo *luz branca*, significa que há confronto de todas as *Luzes*, de todas as cores. “Aí é que mora o perigo”. Porque os Òrìṣà se enquadram em *cores ou luzes*. Não como nesta frase: “*Onde existe cor se encontra luz*”. E, sim, no sentido de que se existem cores, há *sons e matérias* dentro de um peso específico.

Penetrando no Mundo de forma *luminosa*, os Òrìṣà são repletos de *cores* e de *sons*. São as luzes, cores e sons, condizentes com a natureza de cada uma das Divindades a razão pela qual há diferenças em suas denominações e é onde o caráter e a postura humana devem estar de acordo com a *luz*, cor e *son* de cada uma.

Estas referências a *luz* advem do fato de que, quando se “*faz Orixá*” conhecendo a sua vida e a sua origem, devemos também, lembrar isso e recriar a sua história na hora de promover o ritual – isso é arte! E, em se tratando de arte, a questão artística no sentido *religioso*, sem dúvida alguma, é a arte *divinatória* – a arte de saber fazer, sabendo por quê!

Logicamente, o Olòdrìṣà, a esta altura já deve ter tudo isso pensando, compreendido, aprendido e apreendido, e não pode mais criar ou formular o que precisa ser feito, mas sim, fazer da forma como sempre fizeram os Antepassados. Assim irá sempre dar certo porque simplesmente recria uma história.

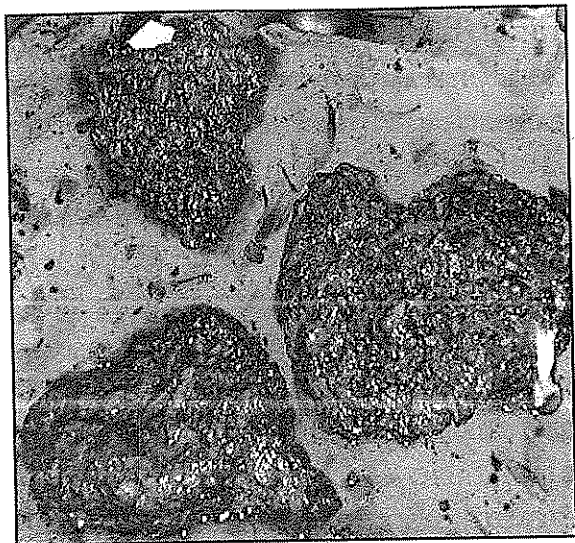
Agora, se uma feitura não der as “respostas” desejadas é porque as “folhas” foram incompletas ou mal combinadas.

O principal fundamento de Òriṣà é o Olódùmarè ter a convicção de estar lidando com Olódùmarè (Deus) mesmo! Pois, o maior peso dos Òriṣà no sentido de “cores”, se encontra na cor branca contida na essência de Ọbàtá-ńlá. Este é o mais famoso, simplesmente, por ser branco e possuir uma combinação de cores favoráveis ao homem — entendeu?

A visão que temos é que o homem é semelhante à Olódùmarè e que foi criado por Ọbàtá-ńlá. Isso não significa que Ọbàtá-ńlá trabalhou sozinho nesta tarefa, como muitos pensam. Pois, em alguns Itàn (mitos), pode-se ver Ọbàtá-ńlá como o próprio Olódùmarè e os outros Òriṣà como variações de suas manifestações ou representações.

Em se tratando ainda de peso específico dos Òriṣà, encontramos Ọrúnmìlà como um Elemento prioritário e acima de Ọbàtá-ńlá — assim, a cultura o define. Entretanto, na prática, não nos interessa saber quem é grande nem quem é pequeno entre os Òriṣà. Basta-nos saber o seu peso, a sua cor e a sua função. Se a função de um determinado Òriṣà é desempenhada de forma correta, Ele ganha a mesma dimensão daquele que é considerado grande ou mais famoso. Chegando-se a conclusão de que todo Òriṣà é importante dentro do contexto ritualístico. Pois, se Ọrúnmìlà está acima de Ọbàtá-ńlá, pode-se dizer — Èṣù está acima de todos! Dentro dessa concepção quem está acima e quem está abaixo?

Ọrúnmìlà é o Òriṣà da Sabedoria, isto significa que Ele é o próprio Olódùmarè. Agora, a parte de Olódùmarè que se leva em questão é o cérebro ou consciência. Neste caso, Òriṣà existe como habitante do Céu e como habitante



Yangí — laterita vermelha — barro pré-histórico.

da Terra. Ou seja — existe como Ìmónlẹ̀ e como Ìrúnmónlẹ̀ (morando dentro de cada um de nós). É preciso enfatizar: O importante é que se as pessoas ligadas a Bàbá Ifá fazem suas comunicações e recebem respostas, é isto o que importa e vale para qualquer outro Òriṣà.

Èwò t'Èṣù

(As proibições de Exu)

— Àdí (óleo do núcleo do coco de dendezeiro), pois se oferecido a Èṣù o irritará e Ele irá atrás do incauto por tratar-se da essência de Ìyé-Bíirú, (A vida que deu nascimento à espécie), sua mãe.

Ìyáwó, por favor, não faça isso! Mas, o costume das pessoas maldosas é pegar um pouco de àdí e chegar perto de Èṣù, dizendo: “Exu eu sei que você não come isso. Mas, fulano de tal que é uma pessoa de mau caráter e pronta a enfrentá-lo, mandou lhe entregar àdí. Se vira lá com ele”.

É certo que Èṣù irá pegar a pessoa que lhe enviou o péssimo presente. Mas, se a pessoa conhecer Èṣù e enviá-lo de volta, a Ìyáwó precisaria estar pronta para recebê-lo com um frango bem novo para acalmar a sua ira. Caso contrário, no retorno Èṣù mata as pessoas da casa.

— Ìyán-ìganganran, uma qualidade de inhame grande que se alastra rapidamente.

— Ìgbìn (caracol).

— Omi (água), não chega ser uma proibição, mas esfria o assentamento de Èṣù e só deve ser oferecida se o conceito de Larí-Óyè for bastante claro.

— Èkiri-eran, carne de cabra selvagem, por tratar-se da cabra Sagrada de Ọrúnmilà.

— Òkèlè, sopa.

— Fila, chapéu ou gorro.

— Ebú, abuso ou insulto.

— Èbu, pedaço de qualquer coisa destinada a plantação, por exemplo, uma raiz de inhame.

— Èrè, lama, pântano.

Os sacrifícios

— Èlédè, porco.

— Ajá, cachorro (há de se ter cuidado).

— Àgbò, carneiro.

— Òbúkọ, bode.

— Ètù, galinha D'angola.

— Àkúko, galo.

— Adie, galinha.

— Ọpọlópọ epo, azeite-de-dendê em abundância.

- Èjá-ẹbọrí, oferenda de cabeça de peixe.
- Eku ou Èkúte, rato, uma espécie parecida com esquilo. Aqui pode ser substituído por um preá.
- Ìṣu-ọde, inhame selvagem. Conhecido por inhame de caçador
- Èiyẹ, ave, qualquer uma.
- Ata ẹye, pimenta-malagueta, utilizada somente para feitiços.
- Atāre, pimenta-da-costa, usada normalmente sobre oferendas e para reforçar o poder da palavra.
- Ọkà/Àmala, pirão de farinha de mandioca ou de inhame com molho de carne, pimentão, cebola e tomate. Do mesmo modo que se oferece a Ṣàngó, exceto a pimenta.
- Èwà, feijão ou milho cozido ou torrado.
- Èkọ, manjar feito com a farinha de milho branco, acaçá.
- Dinheiro, obì e tudo que os outros Ọriṣà recebem em suas oferendas, uma porção é destinada a Èṣù.

Ewé ti Èṣù

(Folhas de Exu)

Ọdúndún, saião — Àgogó, erva do diabo — Tètè, caruru-de porco—
 Ewé inón, folha-de-fogo — Èsìn ou èsinsin, urtiga — Jojòfà, urtiga brava,
 urtigão — Ewé èpè, urtiga vermelha — Kan-kan, urtiga miúda — Kanan-
 kanan, arrebenta-cavalo — Odidi, bico-de-papagaio — Ábẹbẹ-kò, tira-teimas,

árvore da felicidade — Abéré, picão-preto — Ábitólà, camará — Àjóbì pupa, aroeira vermelha — Apáòkà, jaqueira — Ápéjè, dormideira — Dágunró, carrapicho rasteiro — kẹ̀lẹ̀gbàrà, perpétua — Ìrèké, cana-de-açúcar — Labé-labé, tiririca — Wérenjéjé, olho-de-pombo — Wobomú funfun, comigo-ninguém-pode.

— Dia da semana: Segunda-feira. Mas, cultuado todos os dias.

— Cores: Preto, vermelho, branco, azul e cinza (há quem o cultua com panos coloridos — o que também é correto).

— Orin Ewé (Cantigas de folhas), leia e ouça:

KÓ—Ì'ÈKÓ, ÌYÁWÓ — ãsà-òsányìn.

As características do filho de Èṣù

O omọ-Odù-Òkànràn-Òwànrín, Código de Ifá, Oráculo - 150, quando aparece significa que não é a primeira vez que aquela pessoa faz consulta a Ifá e que já recebeu conselhos dos Sacerdotes —“Mude o seu jeito de viver e de se comportar”. Mas é o tipo de pessoa que não acata conselhos e será punida pelos erros que comete!

Nesse caso, Òkànràn-Òwànrín aparece no jogo apenas para lembrar que o problema do indivíduo é de cabeça e que ele precisa olhar para dentro de si

mesmo e não para fora. Pois, os meios que usa para fazer sucesso ou ganhar dinheiro — são ilícitos!

Por isso, deve prevenir-se em relação aos costumes por que algo de ruim está para acontecer e não será possível reverter a situação.

Ifá avisa que é o momento certo para mudar de “atividades profissionais” e de tomar um novo rumo, pois o dinheiro é ganho sem muito esforço — é ladrão!

Um Itàn, mito, de Ọkànràn-Ọwànrín explica isso:

O mito é sobre dois esquilos: O primeiro se chamava Igbó-Ikún = Esquilo da floresta, uma espécie de esquilo parecida com o coelho e que se apresenta como um príncipe riquíssimo e muito arrogante.

O outro era o seu irmão Ikún, esquilo da mesma espécie, mas um pouco diferente do seu irmão. Este animal é surdo, gosta de ficar pulando de galho em galho, não deixa traços no caminho e jamais se esquece por onde passa – assim mostra muita eficiência por não errar o caminho. Por onde passa uma vez, continua passando sempre no mesmo lugar e pode-se ouvi-lo gritando: “Venha ver! Venha ver! Venha ver!”. Mostrando outra qualidade pois, se se depara, por exemplo, com uma cobra em seu caminho avisará a todos do seu grupo com gritos — coisas do gênero, próprias do mato.

Um dia, Igbó-Ikún e Ikún resolveram fazer uma consulta a Ọrúnmilà que os aconselhou a respeitar aos mais velhos e que seguissem os conselhos e orientações de seus pais que seriam bem sucedidos.

Eles foram aconselhados a sacrificar nozes de dendezeiro — mas somente Ikún realizou a oferenda.

Depois de algum tempo, o pai deles Òrìṣà Olú-Igbó, Orixá dono da floresta, os chamou e disse:

“Tenho observado que vocês são muito gulosos! É preciso que tenham mais cuidado com o que comem e que sejam mais prudentes para não resultar em morte!”.

Os conselhos de Olú-Igbó não adiantaram em nada! Os dois se achavam espertos demais para dar atenção aos conselhos do pai.

Continuaram a andar pelo mato como se nada estivesse acontecendo. Até que um dia encontraram um cacho de bananas e um deles, disse:

“Olha quantas bananas, que maravilha!”. Comeram tudo.

No segundo dia, encontraram mais bananas no mesmo lugar — como da primeira vez, comeram tudo.

Assim, sucessivamente até o sexto dia — encontravam e comiam...

No sétimo dia, Olú-Igbó os chamou novamente e disse:

“Escutem! Eu tenho lhes avisado do perigo, mas vocês continuam não me ouvindo. O que estão fazendo é errado e pode resultar em morte!”.

Igbó-Ikún por ser mais encrenqueiro que Ikún, pensou:

“Eu não vou ficar escutando isso! Comigo não tem essa de morte não!”.

Igbó-Ikún virou às costas aos conselhos do pai e foi direto para o mato. E, lá, estavam as bananas novamente — Ele disse:

“Hoje vou morrer mesmo é de tanto comer bananas, pois meu irmão não está aqui para dividi-las comigo!”.

Era uma armadilha e faminto por bananas alheias, morreu de barriga vazia — foi isso o que aconteceu.

— **Ifá avisa:**

Aqueles que têm orelhas grandes — orelhas de rato, e que viram as costas aos conselhos que recebem, em pouco tempo acontecerá algo que não poderá ser corrigido.

“A orelha não pode ser maior do que a cabeça!”.

Desse modo, o filho de Èṣù parece ser uma pessoa que pode controlar o mundo ou passar por cima de qualquer coisa. Invulnerável a bruxarias, ọfọ Ibi, briga constantemente com os familiares por possuir uma capacidade extrema de realização e por ser muito “independente” e não gostar muito de trabalhar — é folgado e como Igbó-Ikún, é “surdo” e não escuta ninguém!

Por mais que faça pelos outros, jamais receberá qualquer reconhecimento, pois possui um caráter ambivalente — ora é inteligente, compreensivo e compassivo, ora é estúpido, comprovando ter pouca sensibilidade tornando-se intrigante e indesejável.

É uma pessoa que dorme muito e quando se acorda não fica parado nem mesmo dentro de casa — gosta de viajar — de andar na rua e de fazer visita aos conhecidos, Ele não tem amigos! Geralmente é viciado em jogos de azar como bingos ou loterias, bebidas alcoólicas e outras drogas, como por exemplo, maconha.

Ao contrário do que pensam, quando há confusões procuram manter-se fora e evita fazer comentários – “ficam em cima do muro”.

Se ofendido, torna-se muito rancoroso e não aceita ser vencido. Se algo o ameaçar, torna-se ágil e impertinentemente malicioso, vingativo e muito insolente.

É preguiçoso e somente quando lhe convêm, trabalha.

É um grande gozador e é preciso que se tenha muito “jeito” para lidar com a pessoa de Èṣù — não se esqueça que Èṣù não é amigo de ninguém.

Ìyáwó t'Èṣù

Ao contrário do que costumam fazer, o Ìyáwó t'Èṣù não pode ficar em reclusão no Ilé Orò, espaço reservado aos rituais (casa de Candomblé Kétu não possui *runko* = lampejo de luz); deve ficar ao ar livre e muito a vontade. Estou explicando isso porque o costume é colocar correntes no pescoço do Ìyáwó e arrastá-lo como se fosse um cão — um verdadeiro absurdo!

— Primeiro faz-se o *ẹbọ* l'odò, oferenda ao rio. A pessoa é levada para dentro do rio com toda a roupa e posta de pé virada para o fluxo das águas — fazendo antes, é claro, uma pequena oferenda para Èṣù as margens do rio.

— O Olòdríṣà faz saudações às Divindades, principalmente a Ọsun, põe as mãos sobre a cabeça da pessoa e a afunda na água e espera até parecer que esteja se afogando — repete o ato por três vezes.

— Senta-se a pessoa no fundo do rio e procede ao ritual de oferecimento, no qual não pode faltar: Àkarà, èkuru, ọmọlókun, ẹkọ, obì e ewé yéyé

(cantar a orin das folhas na hora de usá-la). “Elas sabem a importância do tempo de vida para uma pessoa”.

— Sacrificam-se um preá e um pombo sobre a cabeça da pessoa.

— Rasga-lhe toda a roupa e deixa que se vá à corrente do rio.

— Por fim, usa-se um pombo untado com oṣṣe-dúdu preparado pelo Olóòrìṣà e com ele, lava-se a pessoa e o solta na correnteza do rio.

— Veste-se a pessoa com roupas próprias do Culto (vermelho — se preferir branco) e a leve de volta para o Ilé Àṣe Òrìṣà.

— Segundo faz-se o ebò gbogbo k’enu nje fún ẹgun aiyé (oferenda de tudo que a boca come para espíritos do mundo) e dar-lhe banho de àgbo (decoção vegetal), previamente preparado com as folhas de fundamento do Àṣe. Pronto! A pessoa está preparada para ser Iniciada de acordo com as normas do Olóòrìṣà que escolhera.... Aqui, por questões éticas, devo interromper a descrição dos rituais que se seguem.

Mas, para não deixar tão incompleto e por ser meu objetivo transmitir informações que possam ajudar a evitar os enganos, Ai vai mais uma gota de Àṣe.

— Èṣù transita em todo o sistema de Ifá. Mas acham que Òkànràn mèjì seja o seu Odù principal por ser este o Odù Ifá da palavra e que se usa para amaldiçoar as pessoas.

Entretanto, não importa de onde surgiu. O Odù de nascimento de Èṣù Odára é Ọ̀bàra-k'Ọ̀rosùn:

I I
 I II
 IIII
 IIII

E de Èṣù Alágbara é Ọ̀bàra-Ọ̀hṑbòdí:

I I
 II II
 IIII
 I II

Esta é a forma de código de Ifá que se encontram em livros é Odù de identificação e não serve para fins de rituais. Assim é a queda, assim é a história específica do código — só isso — Ifá é vasto.

Ògberì

São as pessoas não iniciadas nos “mistérios do culto” e que literalmente, significa — ignorantes. Isso no sentido de ignorar os conceitos da Tradição Cultural — nada pejorativo. Conhecidas no meio por *Abiṣṣ* podem com o passar de um tempo tornar-se uma *Ìyáwó*, *Ajójè* ou *Olóyè nilé Òrìṣà*, sendo pois, reservas importantes para o *Candomblé*.

Com limitações, porque alguns *Olóòrìṣà* não permitem que vejam nada, acompanham o andamento do *Ilé Àṣẹ* basicamente do lado de fora do *Ilé Orò*, cumprindo, às vezes, relevantes funções enquanto vão aprendendo e se adaptando aos costumes da nova religião para elas.

Os mais velhos do Culto tem grandes responsabilidades com essas pessoas que desconhecem as normas que regem o sistema religioso. Tornando-se necessário ter muito cuidado, carinho e paciência para poder orientá-las sem causar constrangimentos.

Toda *Ìyáwó* consciente dos deveres e funções reconhece muito bem a importância desse período de observação da não iniciada, que pode, por vários motivos, principalmente o comportamental, não ser aceita na comunidade (*ẹgbé*).

Às vezes, a *Abiṣṣ* é uma pessoa excelente, mas não se enquadra aos deveres que terá pela frente. Neste caso, é melhor afastar-se do meio antes que se torne

uma pessoa frustrada ou até traumatizada pelo próprio regime interno do Candomblé; alguns Olóòrìṣà são tão rígidos que os Militares dos Anos 60, eram, se comparados, “um amor”. É preciso que esteja preparada pois a sua resistência será testada.

Também pode acontecer de a Abiṣon julgar o Olóòrìṣà incompetente para iniciá-la no Culto aos Òrìṣà — por isso a relação deve ter certos limites para que possa ser desfeita a qualquer momento sem problema para ambas as partes.

A convivência dentro das comunidades é difícil — apesar do sistema propor nivelamento social, há sempre àquelas que desejam ser mais do que são dentro da comunidade religiosa, pensando ser, seus títulos aqui, importantes — não dá certo.

Enquanto os adeptos de outros credos se reúnem e se dispersam em seguida, o nosso povo por força das circunstâncias permanece junto por longos períodos. Como se sabe, para haver problema entre um ser humano e outro, basta juntá-los. Este nos parece ser o agente alimentador do fofoblé (fofocas de candomblé) — um mal sem cura. Parece ser artimanha de Èṣù colocando palavras na boca das pessoas e tudo vira assunto.

Isso é horrível porque causa constrangimentos as pessoas e dá motivos para a Abiṣon afastar-se da comunidade.

Todas as religiões têm por objetivo conquistar adeptos e o Candomblé não foge muito desse sistema, apesar de não sair por aí pregando os feitos dos Òrìṣà procura manter as pessoas que o procura dentro do Àṣẹ. Sendo assim, torna-se de grande importância o calor humano, a amizade, a compreensão e a ajuda

mútua da comunidade para que possamos fazer amigos, simpatizantes e adeptos – isso é uma responsabilidade de todos e de todas as comunidades.

A pessoa que chega a casa de Òrìṣà, e ali permanece, é certo que gostou de alguma coisa. Só que não há vínculo religioso com o Àṣẹ e pode trocá-lo a hora que quiser ou até mudar de religião. Nem por isso deverá ser iniciada de imediato como fazem muitos com medo de perder mais uma Ìyáwó — é preciso dar tempo ao tempo.

É preciso, também, levar em consideração que a pessoa ao procurar o amparo dos Òrìṣà geralmente paga pela solução do seu problema e não há motivo para estabelecer vínculo de amizade dentro da comunidade. Mesmo quando isso acontece, nem sempre a pessoa está interessada no Culto como Religião — gosta das danças — das músicas — dos paramentos — fica encantada..., mas é somente isto! Fica de fora e mesmo sendo amiga do Candomblé não está disposta a integrar-se a este mundo de rituais e precisa ser respeitada.

Mas tudo estando de bom acordo e ambas as partes entendendo-se bem, o Olóòrìṣà pode preparar um Ìlẹ̀kẹ̀ (jóia ou colar) do Òrìṣà da pessoa e oferecer um obì ou orógbó à sua cabeça (Orí). Somente a partir desse dia a pessoa passará a ser considerada uma Abiṣṣ — reserva.

A criança bem segura no colo, não cai.

A Ìyáwó

Ìyáwó é todo aquele que no Culto aos Òrìṣà denominado no Brasil de Candomblé – foi raspado e recebeu de acordo com a liturgia da religião:

Ìkódidẹ, agbè, lékeléke, alukó – penas de aves africanas.

Èfun — giz ou barro branco.

Aro — conhecido também por wàjì.

Ìlẹkẹ — jóias ou colares dos Orixás.

Kelé — colar que se ajusta ao pescoço (em alguns casos).

Şàwórò — sementes que são atadas ao tornozelo direito ou esquerdo da Ìyáwó — uma espécie de chocalho. Às vezes, as sementes são substituídas por chocalhos mesmo.

Òṣu — significa tufo de cabelo, mas é representado por uma série de ingredientes, como por exemplo — a cabeça da galinha D’angola e do pombo sacrificado no Sundidé — despertar do sono e que caracteriza a “feitura do Òrìṣà”, folhas e alguns *agúnmu* — pós de algumas sementes e minerais. Tudo misturado a oşedùdù — sabão-da-costa, e posto no centro da cabeça da iniciada — okè orí — alto da cabeça.

Mesmo assim, somente depois que o Òrìṣà se pronunciar (revelar nome) em festa pública a pessoa passará a ser considerada uma Ìyáwó Òrìṣà — Esposa do Orixá, ou adòşu, aquela (e) que recebeu òşu — o tufo.

Depois desta primeira “obrigação” que consagra o que se convencionou a chamar de “Feitura do Santo”, a Ìyáwó terá outras obrigações a cumprir – a de um ano – a de três anos – a intermediária entre três e a de sete anos – e a de sete anos, quando se tornará uma èḡbónmi — mais velha e/ou experiente. Isso pode ser flexível! Exemplo – se a Ìyáwó demorar dez anos para cumprir com a sua segunda obrigação, o dia que cumpri-la, esta será considerada de um ano. E, assim, sucessivamente.

Devendo, portanto, aproveitar esse período para tornar-se conhecedora, de fato, da liturgia básica do Culto aos Òrìṣà. Não devendo esperar que esse dia chegue, para daí, começar aprender; orientação torpe dada pela maioria dos Sacerdotes do Culto – cuja intenção, me parece ser, tornar a Ìyáwó medíocre – ridículos!

Ìyáwó e o ambiente Sagrado

— Ao chegar ao Ilé Àṣẹ (Casa de Orixá), antes de entrar no Espaço Sagrado deve alcançar o pote com água que fica à direita e dizer:

Àgo Orixá

Com licença Orixá.

— Retirar uma boa quantidade de água, regar o chão e dizer:

Omi làbú mu.

Omi làbú wẹ.

Ẹ̀nikan kí bomi s'òtá.

Kò má r'ìjá fún ọmọ araiyé.

Ibà Onílẹ̀.

Água atinge a maturidade, beba.

Água atinge a maturidade limpa.

Ninguém saúda ou retira água da vasilha do inimigo.

Encontrá-la não causa conflito aos filhos do mundo.

Saudações ao Senhor da Terra.

(Regar o chão com um pouco da água e molhar os pés).

— Derramar água do lado direito e dizer:

Omi tútù, òna tútù ni ilẹ̀.

Água fria, caminho de paz na Terra.

— Derramar água do lado esquerdo e dizer:

Omi tútù, òna tútù, Ìyámi Ọṣòròngá.

Água fria, caminho de paz minha mãe Ancestral.

— Atirar água em direção à rua e dizer:

Omi tútù, òna tútù Ọríṣa.

Água fria, caminho de paz Orixá.

— Atirar o restante da água para dentro “abrindo um caminho” e dizer:

Ọríṣa n’Ilé gbà mu omi tútù àti gbèmi o!

Orixá da casa aceite beber água fria e me abençoar!

Àṣẹ!

Assim será!

— Ao passar pelo Ojúbọ Èṣù – Altar ou assentamento de Exu, dizer:

Laróyè Èṣù!

Èṣù Ọdàrà,

Oníbodè Ọrun,

Máṣe mi!

Máṣe n'ilé Ọrísà!

Kí s'ọna ẹgbé ni rere.

Àṣe! Àṣe! Àṣe!

Eu tenho consciência clara, Exu!

Exu Bonito,

Porteiro do Céu,

Não me faça mal!

Não faça mal a casa dos Orixás!

Que o caminho da comunidade seja de prosperidade!

Assim seja! Assim seja! Assim seja!

— Ao entrar no barracão a primeira coisa a ser feita é tomar um pouco d'água para se refrescar da caminha e se acalmar.

— Depois, tomar um banho com ọṣẹ-dùdu – sabão-da-costa, ou com ervas frescas, preparar um “Omi Erò” – água que acalma. Jamais tomar banho ou beber àgbo (decoção vegetal) podre. Isso é falta de concepção ou sacanagem mesmo! Não tem fundamento!

— Para macerar as folhas, cante orin ewé (cantigas de folhas) daquelas que estão sendo usadas. Se não souber, cante algumas orin Òṣányìn que é o Òrìṣà das folhas.

— Para tomar o banho, cante:

Bàbá fò omo rẹ.

Bàbá fò omo rẹ.

Bàbá fi ewé Òṣányìn.

Bàbá fò omo rẹ kíán-kíán.

Pai lava o seu filho (a).

Pai lava o seu filho (a).

Pai lava com as folhas de Òsányìn.

Pai lava o filho molhando-o na água de uma vez.

— Trocar as roupas profanas pelas do Culto e ir gbàdùrà (oferecer reza) para os Òrìṣà conforme os preceitos do seu Ilé Àṣẹ.

— Depois de ter rezado, dirija-se ao seu Bàbá ou Ìyálòòrìṣà, munida de sua ẹní (esteira), que deverá estendê-la no chão, e sobre ela, dár dògbálẹ (homem) ou ìkà-f'orígbàlẹ (mulher) para aqueles que com òṣu e Ìkòdidẹ lhe deram vida dentro do Culto aos Òrìṣà — pois seguirá tomando bênção a todos conforme a ordem hierárquica.

O pedido de bênção:

— A Ìyáwó, diz:

Mo júbà bàbá mi! Ou: Ìyá mi!

Eu curvada saúdo o meu pai! Ou a minha mãe!

— O Olóòrìṣà, responde:

Mo tù gbà l'àṣẹ omọ mi!

Eu o conduzo e reconheço seu axé, meu filho!

Ògún gbè ni o!

Ogum erguerá você!

— Neste momento o Olóòrìṣà tocando os ombros da Ìyáwó ajuda-a a erguer-se.

— É momento, então, de a Ìyáwó procurar saber em que poderá ajudar. Pois, nas casas de Òrìṣà sempre há muito o que fazer.

— Evite as conversas que tenham sentido de fofocas, pois isso só lhe prejudicará — o respeito é um bem que devemos conquistar e isso só será possível se o nosso comportamento for realmente bom.

O olho que toma decisão atrapalha a cabeça.

A Ìyáwó dentro do Àṣẹ

A Ìyáwó é exigido tantas coisas e “algumas podem parecer tão absurdas” que se não estiverem realmente preparadas é certo que o Culto aos Òrìṣà não lhes servirá como Religião — a “hierarquia imposta” pela maioria dos Òlòòrìṣà não dignifica ninguém! Ao contrário, somente decepcionam as pessoas do Culto. As que são simpatizantes, porém leigas, são envolvidas pela beleza das danças e pelo colorido das roupas. Essas os Òlòòrìṣà costumam tratá-las com mais respeito por tratar-se de “lambaris em rede de malhas largas”, podem escapar.

Então, se “você” é uma candidata a esse encontro com o Òrìṣà é preciso que esteja pronta ou com certeza não completará suas obrigações no mesmo Àṣẹ — isso, se completar, pois há regras que podem fazê-la sentir-se humilhada — observe:

— A Ìyáwó não anda descalça dentro do Espaço Sagrado — salvo em caso de doença. Mesmo assim, precisa evitar arrastar os chinelos no chão. Para isso, há uma explicação — o ancestral está acoplado a Terra. Tem pois, “fundamento” religioso.

— A Ìyáwó até um ano dentro do Ilé Àṣẹ não se senta em banco, cadeira, sofá etc., deve estar sempre acompanhada da sua ẹní (esteira) e sentar-se sobre ela — isso não tem fundamento. É um ato que pretende somente submeter.

— A Ìyáwó em tempo algum deve sentar-se de modo que a sua cabeça fique acima das cabeças dos seus iniciadores — Olóòrìsà — Àṣògún — Ìyámorò — Àlágbé, etc. É preciso lembrar a função de cada um dentro da comunidade.

O conceito correto é:

Ficar de pé é sinal de respeito.

Ficar sentado é sinal de igualdade.

Ficar abaixado é sinal de submissão — fora do Ilé orò não deve submeter-se.

— A Ìyáwó deve observar o contexto de cada situação: “se religioso ou social” e se portar bem.

— A Ìyáwó não pode se dirigir aos iniciadores de pé. Deve curvar-se para falar com “Eles”, salvo em encontros casuais. Pois o cargo de cada membro é limitado ao Espaço Sagrado — fora dele, todos são iguais. Mas, fazer uma pequena reverência é sinal de respeito.

— A Ìyáwó quando dorme no barracão, ao despertar, deve tomar um banho, por as roupas do Culto e àdùrà (rezar) para os Òrìṣà. Fazer sua refeição matinal e, só então, cumprimentar as pessoas.

— A Ìyáwó precisa procurar superar a própria vaidade para que não se torne uma agente desorganizadora e desarmonizadora da comunidade. A humildade não faz mal a ninguém! Por isso, dògbàlè, ìpatéwọ ati ìká-f'orí-gbálè (prostrar-se no chão, bater palmas ritmadas ou aplaudir e bater a cabeça no chão), não são atos que humilham. O Candomblé é uma religião onde os mais velhos abençoam aos mais novos. E, feliz, é aquele que é abençoado.

Se “hoje” a Ìyáwó é quem toma a benção, amanhã será a sua vez de abençoar. Deve entender que tudo isso faz parte dos rituais de sua iniciação e que a ensina a respeitar os direitos alheios dentro da comunidade religiosa e fora dela.

— A Ìyáwó enquanto estiver de kéle (gravata de Ṣàngó e de seus familiares) deve àdùrà (rezar) — às 06h00min — às 12h00min — às 15h00min — às 18h00min — , dentro ou fora do Ilé Àṣẹ Òrìṣà. Deve dormir somente na ẹní (esteira), ter como travesseiro os ìlẹ̀kẹ̀ (jóias ou colares dos Orixás), usar somente roupas brancas, falar baixo e não olhar nos olhos de outras pessoas. Pois, se bem Iniciada, a pessoa que fixar o olhar nos olhos da Ìyáwó — passará mal. Como as pessoas não sabem disso, cabe a Ìyáwó, evitar.

— A Ìyáwó não deve atropelar os direitos dos seus mais velhos — o Candomblé é uma escola e há prioridade para tudo. Inclusive para comer, beber e coisa e tal... Isso pretende ensiná-la o seu verdadeiro lugar no mundo.

— A Ìyáwó precisa ter no Ilé Òrìṣà (casa de Orixá) dois ou três aṣọ ìwólẹ̀ (roupas de uso comum), conhecidas no Candomblé como axó de ração,

e outras para ocasiões especiais — a Ìyáwó desorganizada é horrível e depõe contra a sua comunidade religiosa.

— A Ìyáwó deve vestir-se de branco, fazer uma alimentação mais leve e àdùra (rezar) para Òrìṣà-ńlá (Oxalá) todas às sextas-feiras.

— A Ìyáwó não pode discutir assuntos sobre os Òrìṣà com ninguém! Pois, aquilo que a Ìyáwó observa pode não ser aquilo que acha ser. É como diz o ditado — “Quem acha, não acha nada!” O melhor é ouvir os mais velhos e aprender sem tecer comentários. Entretanto, deve fazer perguntas, exigir respostas corretas e não aceitar desculpas “esfarrapadas” do tipo — “Você é uma Ìyáwó e só deverá saber sobre isso quando for uma Ègbónmi”. Mentira! Como pessoa iniciada merece todo respeito e respostas corretas.

— A Ìyáwó não pode ficar de braços abertos em portas e impedir a passagem de humanos e de espíritos. Também não pode sentar-se em escadas ou batentes de portas, passar sob varal com roupas íntimas estendidas ou sob escada quando alguém estiver trepado nela — são tabus (ēwò).

— A Ìyáwó que entende os princípios do Culto sabe que ninguém pode defecar ou cuspir em rios, lagos, cachoeiras e mar, no mato próximo a Plantas Sagradas — ninguém faz esse tipo de coisa sobre os Elementos dos Ancestrais.

— A Ìyáwó não pode retirar, sequer, uma folhas da floresta se dela não for fazer uso litúrgico ou medicinal — ao invés disso, deve plantar uma árvore.

— A Ìyáwó de modo algum pode permitir que alguém pegue em seus cabelos (cabeça), pois na concepção de Ifá significam algo importante sobre o qual tem o direito de reclamar se forem tocados. Por ser os cabelos elementos de transmissão de sentimentos e de energias etéreas.

— A Ìyáwó não pode carregar objetos sobre a cabeça, dormir sem roupas, usar roupas de outras pessoas ou cortar os cabelos com mulheres desconhecidas — pode ser que estejam em dias de regras menstruais. O conceito é que tudo que uma mulher com regra menstrual toca, estraga — princípio de Àjé — , bruxa ou feiticeira.

— A Ìyáwó não pode jogar as sobras do prato no lixo. Por isso, deve servir-se somente da quantidade que pode realmente comer. Caso sobre, pode ser enterrado ou dado a um cachorro.

“Aprenda a evitar os desperdícios”.

— A Ìyáwó não pode fazer sexo no dia consagrado ao seu Òrìṣà (aquele dia da semana que foi iniciada) nem chamar o seu companheiro de marido ou mulher — Ìyáwó é casada com Òrìṣà. Por causa disso é que há muitas “mães-de-santo” colocando mel em maçãs para arrumar um amor. E, para fazer sexo, precisa pedir permissão ao Òrìṣà. Caso tenha feito sexo e precisar ir à Casa dos

Òrìṣà, precisa tomar banho com oṣẹ-dúdu (sabão-da-costa) antes de sair de casa — a mulher deve fazer uma ducha vaginal para evitar problemas com Ìyámi.

— A Ìyáwó não pode pedir coisas aos outros. Do mesmo modo, não pode rejeitar o que lhe for oferecido — exceto os filhos de Ògún e Èṣu. Esses podem tudo! Inclusive se meter na vida do pai-de-santo e dizer se Ele está certo ou errado.

— A Ìyáwó que cumpre com estes deveres contribui para o bom andamento do Àṣẹ onde foi iniciada e certamente todos da religião ganharão com isso. O respeito aflora no coração de todos e os mais novos seguirão seus exemplos.

Sacerdotes do Ilé Àṣẹ

— As responsabilidades são do Bàbálòòrìṣà ou da Ìyálòòrìṣà (pai ou mãe-de-santo) que ocupa o mais alto posto dentro da hierarquia do Candomblé. O primeiro posto deve ser assistido por sua Ìyá-kékere, e o segundo por seu Bàbá-kékere (mãe ou pai-pequenos), que ocupa o segundo posto e o substitui em todos os assuntos — a regra vale para todos.

Também é comum ver este cargo ser ocupado por dois homens ou duas mulheres — o não iniciado que perceber isso deve sair da casa e não “fazer o santo” (o filho nasce de pai e mãe)! Não por preconceitos as escolhas, mas porque o caráter de quem “faz Òrìṣà” precisa ser definido devido as qualidades do Sacerdote ser transmitida — entendeu? Depois não reclama!

— Bàbá-kékere, Ìyá-kékere (pai, mãe pequena) acumula o cargo de Ìyá-m’orò, Bàbá-m’orò (mãe, pai dos costumes tradicionais), entendido como mãe e pai criador. Sua responsabilidade é transmitir os ensinamentos do Culto as pessoas recolhidas no Ilé-Orò, quarto reservado aos rituais, e de apresentá-las ao público no dia da festa — Saída de Ìyáwó.

— Ìyá-D’agan (mãe da esterilidade) é a responsável pelo rito do Ìpàdé e pela organização do Ojúbọ Èṣù. Este cargo só pode ser ocupado por uma mulher

estéril ou por uma senhora que não tenha ciclo menstrual. Pois, só sendo assim, pode ter contato e cuidar de Egúngun — Ancestral, no ritual descrito.

— Ìyálasẹ̀ ou Ìyábasẹ̀ (cozinheira-chefe) é responsável pela culinária do Culto ou preparo das oferendas. Ela também evita que seja servida maionese em dias de festa na casa de Òrìṣà (...).

— Aṣògún (feiticeiro de Ogum) é o sacrificador de animais. Este cargo só pode ser ocupado por filhos de Ògún. Não sendo é chamado de Adébo. Este é respeitado e, à vezes, até temido pela comunidade pelo fato de fazer oferendas de sangue para os Òrìṣà — quando competente pode fazer proezas — só quando (...).

— Alágbé, Senhor da comunidade, é o responsável pela percussão do agogo e entre os repercussionistas é o mais importante. Pois, por mais alto que seja o som de uma canção, o som do agogo será sempre ouvido em destaque. Ele é o Chefe dos Olóyè Ilú (repercussionistas dos atabaques) e marcando os ritmos, é seguido por Eles.

— Ìyátébèsẹ̀ ou Ìyá-k'orin, cantora do culto, é a responsável pela organização das orin (cantigas) que serão entoadas em dias de festa — mas o que se vê mesmo é cada um dando “um pitaco”.

— Ajóyè (Èkejì), a segunda mãe, é uma ajudante que ocupa vários cargos dentro do Culto aos Òrìṣà — são muitas Ajóyè e funções.

— Para todos os cargos há substitutos — Apá-òtun e Apá òsi (braço direito e braço esquerdo). Que significa o mais graduado depois do chefe.

— O desempenho de cada função deve chegar a quase perfeição para que se consiga evitar os estorvos nos rituais internos e públicos. Tendo cada membro da comunidade o dever de cumprir muito bem a sua tarefa.

Cuidado, a cabeça pode estragar o dia.

Perguntas de Ìyáwó

As Ìyáwó costumam nos encher de perguntas e nos deixar em situação difícil — pois, se respondemos “os cacimbinhas, (aquele poço pequeno que se retirar a água seca)”, dizem que estamos colocando fundamentos nas mãos das Ìyáwó. Se não respondemos, as Ìyáwó nos consideram uns chatos! É mole?

Isto nos leva a crer que alguma coisa não anda bem. Apesar da quantidade de informações que existe no mercado a carência continua.... Por isso, vou responder as perguntas mais freqüentes por que julgo que tenham alguma importância. Mas, quero deixar claro que as críticas serão sempre bem-vindas desde que para somar e/ou contribuir com o Culto. “Se não, calem-se”. Não sou o dono da verdade, mas só escrevo sobre aquilo que tenho domínio e sem medo de estar errado.

É claro que ninguém será obrigado a seguir os meus exemplos — o Culto não é fundamentalista e cada um tem uma visão própria.

Os conceitos expostos neste livro representam a visão que eu tenho do Culto que pratico. E, com certeza, aqui, nada foi inventado por mim mesmo. Informo exatamete tradição cultural e religiosa.

Sendo assim, responderei as perguntas que me foram feitas dentro dos “fundamentos” tradicionais e na íntegra.

O que é Ìbejì?

Ìbejì é uma concepção que divinizam as pessoas que nascem de dois ou três (gêmeos e tri-gêmeo).

— O primeiro a nascer chama-se: Tayo, o que passa à frente. Ou: Taiwò, o primeiro a ver o mundo.

— O segundo é Kèhìndé, o mais importante, vem depois.

— O terceiro é Idowu, aquele que observa a responsabilidade da família. Ou: Idogbé (se for do sexo feminino), aquela que levará no pescoço a responsabilidade familiar. Ou seja — tornar-se-á a responsável pela educação e formação dos outros dois irmãos. Isso porque é considerada a criança mais inteligente pelo fato de mandar os irmãos experimentar o mundo primeiro.

São consideradas divindades vivas e, para Elas, podem-se fazer oferendas e suplicar do mesmo modo como se faz diante dos Òrìṣà ou Assentar um Ojúbọ (Altar) para rezar.

Quando gêmeos brigam não adianta dizer — pára! A melhor maneira para acabar com a confusão é dizer — se matem! Pronto, a briga acaba na hora, pois sabem, são a mesma pessoa.

O que é Eré?

— Eré é uma manifestação psicológica idêntica a manifestação de Òrìṣà, ou seja — “de dentro do ser humano”, pois os Òrìṣà vivem dentro do homem porque é uma herança genética ou se manifestam no meio ambiente porque são “alguns” antepassados humanos divinizados.

Quando se diz — fulano está de Eré, o que se pretende dizer é que a pessoa está passando por um estado de loucura sutil.

A diferença é que esse “estado de loucura” é benéfico e é conhecida por — abi-siwúre — aquele que possui por muito tempo as bênçãos do Òrìṣà.

É uma manifestação que serve de elemento apaziguador do Èṣù bara — Exu do corpo, após o estado de ẹlẹgun, manifestação do Òrìṣà.

Entretanto, isso só acontece quando a pessoa permanece por muitas horas ou dias “incorporada”.

— Ère, estatueta, ídolo ou imagem de Òrìṣà.

— Erè, jibóia = cobra, ou jibóia = planta trepadeira.

— Èrè, feijão fradinho.

— Èrè, benefício ou vantagem.

— Eré, jogo ou esporte.

— Erê, manifestação de espíritos que se acreditam, no Culto de Umbanda, sejam de crianças (mas, o nome disso é Elemere).

Ṣaworo é para a Ìyáwó não fugir?

Não! Primeiro é preciso entender que, o que ouço do ṣaworò significa que “aquela pessoa” está sendo Iniciada no Culto de Òrìṣà e que é um aviso aos seus ancestrais por indicar com o barulho que faz, aonde o seu descendente se encontra em cima da Terra. Além do Ifá (Oráculo) indicar coisas que façam barulho para afastar a morte.

O ṣaworò para a pessoa do sexo masculino é posto no tornozelo direito e para a pessoa do sexo feminino no tornozelo esquerdo — observando o lado da ancestralidade. Serve para garantir a proteção dos ancestrais da pessoa.

Ṣaworo são sementes utilizadas para este fim. Mas, como é muito difícil encontrá-la aqui no Brasil, o costume é usar chocalhos de metal que cumprem a mesma função sem qualquer prejuízo para a questão.

Ṣaworo é também uma espécie de planta (cróton) usada no àgbo (decoção vegetal) ou para se preparar algumas outras medicinas do Culto. No Brasil essa árvore é mais conhecida como ṣaṣara e é a madeira que costumam usar para escupir o ógò Èṣù (bastão de Exu) e para preparar Ṣìgigi (Èṣù feito de barro).

Òṣùmàrè é um Òrìṣà andrógino?

Não! Òṣùmàrè é um Òrìṣà yorùbá que dança apontando o Céu e a Terra para expor a sua qualidade de Senhor da chuva que propicia a fertilidade da Terra. A homossexualidade, creio seja esta a finalidade da pergunta, é uma opção

humana não inerente ao caráter do Òrìṣà. O que não deve ser admitido, assim como a pessoa que tem um vício como o de fumar é que seja exposta a sua opção sexual aos demais no recinto do culto. Do mesmo modo que é proibido fumar dentro do barracão, que seja proibida também a exposição das preferências e que não se utilize os Òrìṣà para justificar uma opção pessoal, assim como o fabricante do cigarro não pode ser o responsável pelo costume do fumante.

Quem é Ògún?

Ògún é filho de Òranmiyàn e Tabutu. Mas, às vezes, aparece nos relatos como filho de Odùdúwà e Ìyá Qbà-Olókun.

O nome Primordial pelo qual se chamam Ògún é Aganganran-ní-mòrun, O veloz enviado do Céu. Seu Epíteto mais conhecido é Ògún OníIre por ser o Título de Oní mais importante que o de Qbà, rei. Um dos seus nomes muito conhecido é Ògún Qlòṣṣe, Senhor da caça, ou Tóbiṣe, Grande caçador. Neste caso é cultuado como Òṣṣòṣi, uma Divindade a parte por causa dos fundamentos que voltam a sua atenção para o arco e flecha, mas na verdade é o mesmo Òrìṣà. E, a isso, se convencionou chamar de qualidade ou passagem do santo.

Veio à frente dos Òrìṣà abrindo o caminho para o Àiyé, Mundo, e ganhou Título de Ògún, Guerreiro, e de Ó sìn Ìmọnlẹ, Líder dos Imortais. Por ser o descobridor do ferro e por ter construído o primeiro facão, ganhou o Título de Alágbèṣe, Senhor da forja ou ferreiro, e de Alákóro, Senhor do cadinho — instrumento de fundição, “não senhor do capacete como dizem outros”.

Todas as palavras do idioma yorùbá que começam ou terminam em “gun” tem relação com Ògún ou estão relacionada a sua família.

Para entender melhor, leia: Kó—l'Èkó, Ìyáwó (Aprende a Doutrina, Iaô) — Vol. 4.

Qual a diferença entre Ọ̀bàlúwàiyé e Ọ̀mọ̀lu?

Ọ̀bàlúwàiyé é um Título de Ṣọ̀pọ̀nnọ̀n a Divindade que mata da forma que melhor lhe convém. Sendo, portanto, a Divindade do ciclo de vida.

Ọ̀mọ̀lulu Ọ̀rọ̀gbo é a Divindade do tempo de vida — a deusa das formigas brancas ou das bactérias que consomem os cadáveres — A mulher de Ọ̀bàlúwàiyé.

Ọ̀ṣọ̀ṣin (não confundir com Ọ̀ṣọ̀ṣi), Lògún-Edé, Erinlẹ e..., são Divindades da família de Ọ̀bàlúwàiyé.

Do ṣaṣara, símbolo fálico, de Ọ̀bàlúwàiyé pende duas cabaças que atestam a sua masculinidade. O mesmo é confeccionado com as nervuras do mànrìwò desfiado para Ògún o que caracteriza a sua relação com a vida e a morte, recheado com ossos das patas do animal sacrificado e àgúnmu, pó resultante das folhas utilizadas para lavar os pertences do Òrìṣà. O seu assentamento deve ser na terra. Entretanto, há muitas invenções as quais não se deve questionar para não criar inimizades com seus devotos.

Ọ̀mọ̀lu não é Òrìṣà! É um Vodun! Dele eu não entendo. O mesmo ocorre com Nàná Bukúu, Burúkú ou Bulúkú que está relacionado ao mito da Criação e somado ao fato de aparecer em alguns contos yorùbá, é

confundido como sendo uma divindade desta cultura. De qualquer forma, o melhor é cada um seguir uma linha de pensamento por tratar-se de um assunto bastante polêmico — Nàná é Jêjê. É de Save.

Os Òrìṣà são deuses?

Depende de como se entende isso. Ọbàtá-ńlá é um semideus porque veio do Céu e o seu Culto está relacionado ao ar da atmosfera. Já, Ṣàngó Bárù, por exemplo, não pode ser visto na mesma categoria, pois foi divinizado pelo povo e tornou-se o deus do raio e do trovão. Portanto, um Egúngun ou irmão Dele — ambos comem carneiro.

De qualquer modo é preciso entender a questão genética da Criação do homem e parar de acreditar que o ser humano surgiu do nada. Deus e deuses estão dentro do homem e todos nós somos divinos na medida em que honramos a nossa linhagem espiritual e nossa ligação com o Criador da raça humana sem sofrer de emoções baratas — os Òrìṣà vieram do Céu (...).

O que é qualidade de Òrìṣà?

Tudo na terra é reflexo do que existe no Céu. Ou seja — costume humano — costume animal — costume espiritual. Digamos que Maria Rita — lava — passa — costura e leva o filho à escola. As pessoas a chamam de: Maria — Maria Rita — Rita ou ritinha. Se esta personagem desempenha suas funções de acordo

com as necessidades e atende por vários nomes sem deixar de ser a Maria Rita, com os Òrìṣà acontece a mesma coisa. Eles desempenham várias funções e isso só depende das nossas evocações — não existe uma variedade do mesmo Òrìṣà. O que existe é um mesmo Òrìṣà com muitas qualidades ou muitos Òrìṣà de uma mesma linhagem familiar como: Olókun, Olóàṣá, Yemowó...

Òṣun pode ser chamada de Ọpàrà ou Ìyá omi-n'ibú, tanto faz! O importante é ser Ọṣun aquela que flui com a água e pronto.

OníIrà é Ọya ou Ọṣun?

Dizem que OníIrà é uma Ọya cansada de guerra que se uniu a Ọṣun e aprendeu a arte da dissimulação para matar seus inimigos com veneno — neste sentido é um Òrìṣà bastante perigoso.

O igbá, assentamento, dessa Divindade é composto dos elementos característicos de Ọya e dos elementos do rio característicos de Ọṣun.

Entretanto, o que acontece é o seguinte: Ọya é a Rainha de Irà, Cidade ou região. Oní é um Título superior ao de Rei. Logo, OníIrà, significa — Rainha de Irà.

O fato de o assentamento ser composto com os elementos descritos, é que Irà é uma região pantanosa e o povo ali devia cultuar Ọya assim — apenas um costume. Eu acrescento somente um corisco de rio. Sem deixar, entretanto, de lembrar que Ọya é uma Divindade do rio e nada impede de acrescentar ao seu assentamento tais elementos, embora o que realmente importa, sejam os chifres de búfalo.

Não conheço nenhum relato que nos ensinem a juntar elementos de dois Òrìṣà para se fazer um — isto é uma criatividade do povo que também vale. Mas de qualquer forma: OníIra — é Oya! Veja porquê:

Oya OníIra — A dona do raio que esquentava a água do rio.

OníIra aparece nos Ìtàn, contos, como irmã ou rival de Òṣùn e esposa de Ṣàngó. Sua personificação encontra-se no raio — aquele que cai no rio, esquentava a água, cristaliza e transforma-se em uma pedra “conhecida como corisco de Oya”.

OníIra, tem pois, uma ligação forte com Òṣùn, Ṣàngó e Egúngun — pois, diz ser a primeira Divindade a soltar o raio, a fazer frente a Òṣùn e a passar a mão na roupa de Egúngun na tentativa de criar um Culto de mulheres feiticeiras controladas por Ela. Mas isso não deu certo! Ògún acabou com a brincadeira.

Oyá OníIra é uma Divindade guerreira apesar de aparentar-se dócil e de mostrar-se indefesa ou impotente, qualquer descuido o inimigo será implacavelmente destruído — Oyá OníIra é a brisa que se esquentava rapidamente e mata no momento que lhe convém.

Um Ìtàn do Odù Òsá'Ìwòrì fala sobre OníIra:

Diz que após uma grande guerra entre Oya OníIra e Òṣùn, sua “rival ou irmã” pela disputa do Títulos de maior feiticeira — Oyá sentada em seu trono recebeu a notícia de que o exército inimigo havia invadido a cidade de Ira, que

muitos dos moradores já haviam sido escravizados, e que um contingente de guerreiros se dirigiam ao seu Palácio para destituí-la do trono, conforme as ordens de Ọṣùn.

OníIra, então, chamou os súditos que restaram e deu a seguinte ordem:

— “Senhores abram os portões e deixem que o exército inimigo entre!”.

Um dos guerreiros espantado exclamou:

— “Minha rainha se abrirmos os portões seremos mortos imediatamente junto com a Senhora”.

OniIra respondeu bravamente — “Façam o que estou mandando!”.

E assim foi feito!

Os inimigos tentaram forçar os portões do Palácio de OniIra mas não tiveram qualquer dificuldade — já estavam abertos.

Entraram e encontraram Ọyá sentada em seu trono com o semblante sereno e um sorriso discreto estampado no rosto — Ela estava só.

O guerreiro chefe perguntou:

— “Ọyá você não tem medo da morte?”.

OníIrà respondeu firmemente:

— “Não temo a morte! Sei que é certa! Porém, antes que Ikú, a morte, se manifeste nessa sala peço que me concedam um caneco de ẹmu, vinho de palma, e que celebrem comigo (...)”.

Todos riram muito e começaram a beber do vinho que estava em potes aos pés de Ọyá.

Ọyá que já estava com seu caneco na mão, o ergueu e disse cinicamente: — “Brindemos à guerra!”.

Em seguida Ela deu uma bela gargalhada.

Os guerreiros de Ọṣùn beberam o ẹmu e em segundos caíram mortos — o vinho que Ọyá Onírà os serviu estava envenenado.

Quais os preceitos da Ìyáwó?

Guardar preceitos é antes de tudo observar as proibições, ewò, relacionadas ao culto, mas não existe um padrão específico. Mesmo quando a pessoa é do mesmo Ọrísà que a outra isso pode mudar. Pois, há as proibições de Ọrísà, Odù e as que são tidas como de “nação”. Agora, ser obrigada a andar de cabeça abaixada não é preceito, e sim, determinação de alguns Olóòrísà — cumpra-o se quiser. Se for tímida.

Como devo tratar a minha Ìyálòrísà?

Mãe-de-santo é gente? Então, trate-a como tal. Entretanto, a recíproca deve ser verdadeira para corresponder os afetos — respeito, carinho e compreensão ajudam a manter as relações entre as pessoas. Jamais se intrometa nos assuntos pessoais dela, cumpra com os seus deveres e deixa-a dar “uns pegas” no pedreiro à vontade. Também, intrometer-se nas conversas dos seus mais velhos quando o assunto for Ọrísà, eles não gostam. Mas, se lhe for permitido participar, aproveite a ocasião para aprender e aprimorar seus conhecimentos.

Como deve a Ìyáwó tratar a outra?

Com carinho, compreensão e respeito. Caso uma Ìyáwó cometa um erro, a outra não deve julgá-la, e sim, ajudá-la a corrigí-lo — criticá-la não é a melhor saída.

No começo muitos erros são cometidos porque a Ìyáwó está sempre tentando acertar. É aí que a amizade da outra soma.

Qual deve ser a postura do Olóòrìṣà?

Seu dever é tratar a todos com respeito e transmitir seus conhecimentos para que possa ser lembrado por suas Ìyáwó que representarão no futuro a sua linhagem espiritual. Não há, pois, necessidade de se fazer outros comentários (...).

Qual o momento certo para ser Iniciada?

Candomblé é uma das mais antigas religiões do Mundo. Em se tratando de religião, o indivíduo escolhe a sua e se inicia quando achar que deve. Não é uma indicação de tempo e dever, imposto por alguém. Essa conversa de que o “Òrìṣà está cobrando a cabeça de alguém” é papo furado de tarado por carecas. Ou: pode ser que o olhar da criatura esteja voltado somente para o seu dinheiro — cuidado!

Quem é mais importante dentro do Culto?

A importância para o contexto aqui discutido é conquistada pelo proceder ao desempenhar uma função — não é um título.

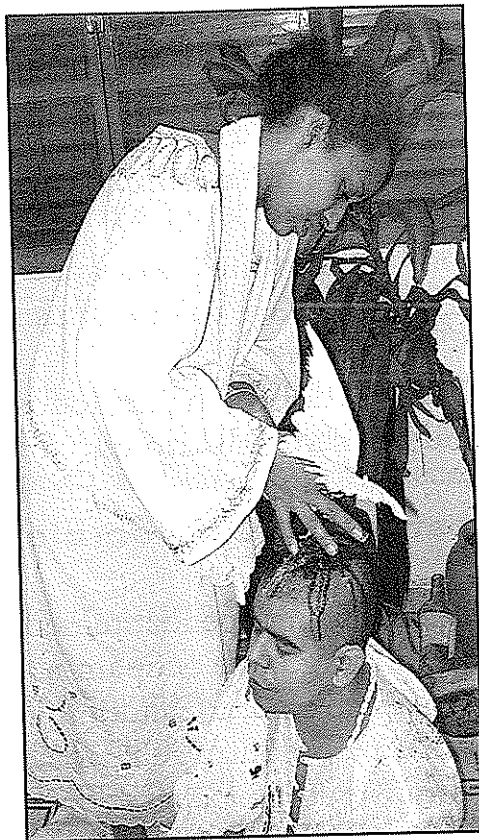
O cargo que um ou outro ocupa é o que designa a sua função a qual deve ser bem executada. Se não for assim, será vista como incompetente independentemente do cargo.

Dentro do espaço Sagrado a pessoa “importante” tem autoridade e esta deve ser exercida com coerência. A Ìyáwó não deve tolerar abusos do tipo — “Ós pequenos, B desce, Ós grandes”.

Todavia, a Ìyáwó deve saber que a palavra de ordem para todos os assuntos da comunidade é sempre do Sacerdote ou dos seus substitutos.

O homossexualismo faz parte do Candomblé?

Todos que se dedicam a esta responsabilidade, independentemente de opções sexuais devem se caracterizar da seriedade do cargo que ocupam na sociedade e servir de exemplo para a comunidade — em nosso caso, o Candomblé. As pessoas nascem homossexuais e certamente não é uma ou outra religião a responsável por isto. O Candomblé procura apenas cumprir com o papel social que compete a todas as religiões e Sacerdotes — acolher e auxiliar as pessoas sem discriminação. Aqui ninguém é obrigado ir a público dizer que o pai-de-santo expulsou um espírito ou demônio “papa-rabo” e que houve na vida do sujeito um milagre —



Leia:
Orí, a divindade do homem.
Do mesmo autor.

prática comum em outros credos — não há rituais ou orações fortes que possam mudar o caráter de uma pessoa — o caráter não pode ser mudado. Agora, fazer exposição das preferências sexuais (seja lá qual for; hetero, bi ou homo) dentro dos terreiros também não é a melhor referência que o Candomblé pode oferecer as famílias — se controle.

Òsányìn incorpora?

Não! Òsányìn é o Òrìṣà das folhas pertencentes a toda a humanidade. Sua função dentro do Culto é curar, limpar e consagrar objetos — nada se faz sem folha — Òsányìn é um tipo de Ifá (Oráculo) e ensinou a Òrúnmilà a arte curativa. A iniciação no Culto para este Òrìṣà é basicamente intelectual, pois o objetivo é ensinar a pessoa o uso medicinal das folhas e suas aplicações litúrgicas — àgbo, decocção vegetal — àgúnmu, pó — ògùn, remédio — àwúre, feitiço de boa sorte — falar com Òsányìn como ventríloquo. Quem não conhece o seu culto sai por aí dizendo que Òsányìn é um Òrìṣà que fala — os africanos aproveitam e vende um. Todavia, Ìyámi e Egúngun viram brinquedos perto do perigo que é lidar com Òsányìn.

Existe um Òrìṣà relacionado a floresta, Àrõni que é cultuado como personificação de Òsányìn, este incorpora — o erro é confundi-lo com Òsányìn.

Também existe um Vodun Jêjê, chamado Age que é muito parecido com Òsányìn, pois vive na floresta. Como o culto abriga elementos de outras culturas pode ser que a confusão surgiu daí — pois Age incorpora. A palavra Agè,

tambor de cabaça, que aparece em várias orin, cantigas de Òsányìn, também pode ter contribuído para essa falta de entendimento.

Como o Candomblé concebe Deus?

Quem concebe Deus é o indivíduo e segundo a sua própria crença — Deus só existe porque nós o inventamos, pois somente aquele que pensa pode concebê-lo — Deus Criou o homem e o homem criou Deus.

O povo diz: Deus é um só! Mas, cada pessoa tem um conceito particular por que ninguém pensa igual. Deus é a manifestação do caráter humano interpenetrando as forças da Natureza e dos acontecimentos do dia. Não creio que resolva problemas isolados por tratar-se de uma Divindade da coletividade uno com a humanidade. Esta é a minha visão.

Por ser composto de anti-matéria só se manifesta quando os organismos vivos dispõem-se a senti-lo. Este é o maior fundamento das oferendas por proporcionar aos espíritos a possibilidade de estar em contato com a matéria. Pois, quando se desprendem dela, nossos sentimentos, pensamentos, ações e palavras, sofrem uma reação e viajam por uma corrente de plasma e se acoplam ao mundo do “nada” corpo ou consciência de Olódùmarè (Deus). Os resultados vêm porque nem mesmo a nossa respiração se dissolve no Universo.

O espaço é o corpo de Olódùmarè! Quando colocamos uma oferenda à beira do rio, floresta, estrada, encruzilhada, praça, montanha ou até mesmo no lixo, estamos colocando a oferta dentro do corpo de Deus que logo tomará

consciência do que pedimos através dos Òrìṣà. Por isso se diz — “os Òrìṣà vomitam tudo o que comem”.

Assim, o Deus que cada um concebe é um Deus tão diferente quanto nós — filhotes únicos.

O que precisa ser evitado é o fanatismo, o preconceito religioso e a idiotice de sair por aí chamando o Deus do outro de demônio. Pois, mesmo que troquem o nome de Deus não conseguem trocar o seu caráter.

É certo o pai-de-santo bater na Ìyáwó?

Não! Isso é falta de tudo! De entendimento do Culto, de educação, de respeito e de controle emocional. Ìyáwó é igual uma criança (no sentido de que dentro do Culto não sabe dar um passo) e como tal deve ser tratada. Chamar atenção para ensiná-la os costumes da religião e até para testar a sua resistência, é dever do Sacerdote. Bater é violência pura e simplesmente. Pode dar cadeia e processo por lesão corporal ou maus tratos. É lei!

Os búzios falam?

Esse bicho vivo não fala, imagine morto?

Eles formam um código, Oráculo, conhecido por Odù, predestinação, que revelam a lenda de cada pessoa ou da coletividade. É preciso que se conheçam muitas dessas lendas, Ìtàn, para não sair por aí ensinando Ifá a mentir.

O que o não iniciado deve saber?

Deve manter-se informado sobre os acontecimentos do meio, conversar muito com a pessoa que irá iniciá-la e ler bastante sobre o tema para poder avaliar e discuti-lo.

Existem regras que são “impostas” e que de repente não combinam com o modo de viver da pessoa. É comum, por exemplo, o pai-de-santo excluir a Ìyáwó do seu círculo de amizades e proibi-la de sentar-se à mesma mesa, participar de conversas e até exigir que ande de cabeça abaixada na presença da “majestade”. Tudo isso, somado aos atos que são próprios do Culto, pode fazer a pessoa acordar e deixar tudo isso de lado — curvar-se ou ajoelhar-se para tomar a bênção do seu Olóòrìṣà pode lhe parecer um ato humilhante. Precisa, portanto, conversar com os amigos que estejam envolvidos com a religião para tirar conclusões e formar uma opinião clara antes de raspar a cabeça. Isto é muito importante. Mesmo assim, o ógberì, não iniciado, continuará ógberì. Só mesmo a pessoa que passa pelo processo de Iniciação sabe qual a importância da pena do papagaio, do ritmo, da entonação e da respiração.

Por que tanto Luxo?

As “baianas”, saias rodadas, é um hábito herdado das portuguesas e francesas no século passado e não é um costume africano. O uso dessas peças na apresentação dos Òrìṣà são normas administrativas de alguns pais e mães-de-santo do passado, contudo, não significa — que tem que ser assim.

Para o Culto, o que importa são as cores. O modelo, tanto faz. Particularmente, prefiro que sejam, as roupas originais. Por tratar-se de um costume social africano e por ser o custo menor.

Quanto ao luxo, nada contra! Acho que se deve apresentar os Òrìṣà bem vestidos, afinal de contas, o Culto não nos propõe fazer pacto com o feio. Todavia, vestir-se bem não significa vestir-se de plumas e paetês — isso pode ser brega dependendo da ocasião.

Qual é o compromisso?

A família é a base das comunidades afro-religiosas/brasileira. E, pela Iniciação, a Ìyáwó terá uma família à parte — a de santo, com a qual os compromissos assumidos são eternos, pois os lanços são Sagrados — um pacto. Isso estabelece todos os limites que regem e regulam o costume religioso de um modo muito rígido.

Há hierarquia para comer, falar ou para fazer qualquer coisa dentro da comunidade e isso é levado a sério. Quem não estiver preparado para tanto, o melhor é não se envolver com o Culto, pois irá sofrer muito e o povo de Candomblé não é dado a sofrer de emoções baratas, ou seja: Ninguém liga.

Quais são os vícios do Candomblé?

O Candomblé é uma religião cheia de “segredos” e os seus Sacerdotes os guardam como guardam àgúnmu, pó, debaixo das unhas. Isso pode parecer estranho, mas... Leia: Kó—l'èkó, Ìyáwó (Aprenda a Doutrina, Iaô) — Vol. 4.

Por que pintar a Ìyáwó?

As cores básicas do Candomblé são: preto, vermelho e branco, e representam: O preto o silêncio e a resignação; o vermelho a energia e a vida; o branco o luto “pela morte” que proporciona o renascimento e a continuidade (nada haver com paz ou coisa assim).

Além desses significados, a pintura da Ìyáwó pretende reproduzir o mosaico da galinha D’angola que é tida como a primeira criatura a receber a pintura por ter sido usada no processo de Iniciação da primeira Ìyáwó do mundo feita por Òṣun. Também, caracteriza a demonstração de alegria da pessoa por ter tomado uma decisão importante — morrer para renascer para uma nova vida. Por isso, os Códigos, Odù, de nascimento do Òrísà são impressos na cabeça, orí, e em outras partes do corpo da Ìyáwó.

Todas estas explicações são baseadas somente no princípio religioso e que estão explicitamente relacionadas a questão da espiritualidade em função do procedimento ritual estabelecido pela cultura.

Por que raspar a Ìyáwó?

O homem é uma Criação laboratorial, resultado da manipulação dos genes das Divindades, Òrísà, com os genes de um macaco conhecido por Àyá-gbó,

o macaco idoso ou ancestral, que deu origem a um macaco chamado de Àyá-tò, o macaco endireitado —, feito homem.

Os Òrìṣà não tinham cabelo. Sendo, pois, o cabelo do homem, uma herança genética do macaco. Aí, o que se pretende fazer é retirar da cabeça do homem a parte selvagem do animal e remetê-lo a sua verdadeira origem divina.

O cabelo não pode ser jogado fora como fazem muitos Òlórìṣà que devido a má formação sacerdotal não sabem o que fazer com isso. Com ele é feito o assentamento do Èlédá Ìyáwó, Criador da Iauô, para que não se esqueça da sua origem — os Òrìṣà são de fora da Terra e a Terra está na Via Láctea. Sendo, pois, o homem, um projeto que pretende torná-lo semelhante ao seu Criador. Pois, a palavra correta é: **“Façamos de um primitivo a nossa semelhança”**. **Quem disse isso? Creio que Qbàtá-ńlál!**

O perigo que se impinge ao Culto de Ìyámi Ọṣòòrónzá está relacionado a isto, ou seja; Ela doou os óvulos para a Criação do homem e é exatamente esta a relação de Ìyámi Ọṣòòrónzá com o ovo.

Além do exposto, é sabido que há no corpo humano pontos vitais que ao serem tocados ajudam a promover o equilíbrio do ser. Neste sentido, a feitura influencia e tonifica as células do organismo e proporciona um quadro perfeito do campo psíquico da pessoa Iniciada e o resultado pode ser observado no seu semblante — reflexo de um “EU” verdadeiro. Visto que as enfermidades e as inquietudes são decorrentes das fragilidades espirituais — isto fica para trás.

Um dos “mistérios” do Candomblé (nome que não serve para designar o Culto Tradicional de Òrìṣà por ter se tornado sinônimo de POUCA

VERGONHA) é levar através dos canais pilosos as substâncias mineral, vegetal e animal, a todas as regiões do cérebro onde há cinco partículas de “Cristais que são Divinas”.

Assim, todos os elementos que compõe o sistema celular do corpo se juntam e formam um princípio químico que dinamiza todo o processo de revitalização fazendo fluir do cóccix (pequeno osso no qual finda a coluna vertebral) restos espermáticos que invadem a coluna vertebral e levam os elementos para todos os órgãos do corpo — o trajeto termina no plexo solar.

Agora, se a pessoa não quiser ser Iniciada assim para não ter que enfrentar os preconceitos (...) e provar a si mesma que possui uma concepção clara do que é ser divina, que seja então, afogada na banheira do pastor — “tô nem ai”.

Qual é o caráter social dos Òrìṣà?

Nenhum indivíduo pode colocar o Òrìṣà no bolso e dizer: “é meu!” Mas, em contra partida, todos os seres humanos são partes dos Òrìṣà. Pois, por uma questão genética, vivem em cada um de nós — isso é o que se chama de Ancestrais e descendentes.

Percebe-se que o homem em sua orí (cabeça, que também significa origem) é o micro-cosmo de Òrìṣà que é o macro-cosmo de Olódùmàrè (“Deus”).

Daí a importância da cabeça “micro-cosmo” ganhar impulso e mandar em cada futuro ou em cada destino, influenciando o ser naturalmente. Assim, falamos

dos Òrìṣà como elementos de apoio, mas acreditamos no poder de realização da cabeça, pois tudo começa dela — o trono de Deus no homem.

Esta é a finalidade principal da feitura de Òrìṣà: fazer com que o indivíduo consiga ser ele mesmo em todos os sentidos. E, neste caso, há sempre algo que pode ser feito.

O intuito do Culto não é somente ficar louvando a Deus, e sim, pedir tudo de modo a ganhar uma satisfação. Pois, o Culto em si é tradicionalmente contínuo em sua concepção, cujo objetivo maior é conseguir uma condição genética refinada e mais civilizada. Exemplo: uma das formas de eliminar certas tendências dentro de uma família é fazendo Culto aos Antepassados da própria família. Se nascer numa família crianças com defeitos físicos ou retardamentos mentais, chegará o tempo que isso não mais ocorrerá por tratar-se de uma questão puramente genética. Sendo as mortes e os renascimentos, contínuos — eles renascerão sadios. O conceito de reencarnação foi levado da Nigéria para a França, cuja origem é o Culto de Egúngun, Ancestral. Hoje, por ignorar a origem do que praticam, os espíritas fazem livros que expressam um preconceito repugnante ao Culto dos Òrìṣà — o caminho foi perdido graças a alguns escritores que se intitulam conhecedores da doutrina espírita e outros, exceto Francisco Cândido Xavier que em sua sabedoria nunca escreveu bobagens.

Por que o Sincretismo?

O povo está acostumado a falar dos Òrìṣà como se estivesse falando dos Santos da Igreja Católica; sincretismo criado pelos próprios negros por uma necessidade causada pela escravidão, mas que prova somente a inteligência de um povo ao lidar com uma situação difícil.

Para o povo que Cultua Òrìṣà não existe nada de negativo. Acredita-se, somente na força Olódúmarè (Deus) — que seja ela para cima ou para baixo. Nesta concepção o bem e o mal nascem juntos. Exemplo: o bem seria o filhote e o mal seria a placenta, mas não podemos esquecer que sem a placenta o filhote não nasceria. Portanto, o interesse não está voltado nem para o bem nem para o mal, pois o importante é saber distinguir um do outro no momento certo.

Se pegarmos uma galinha, embora seja perfeita, quem é que vai querer o intestino? Temos então, que separar o que é bom daquilo que não é bom.

Assim também é a vida em relação ao desejo. Quando queremos um chocolate, temos que dizer: “eu quero um chocolate!” Isso é um querer. Mas, se formos ver por outro ângulo: “eu não quero um chocolate” isso também está dentro daquilo que quer — o desejo é válido e tudo é bom.

Por causa da questão do sincretismo, muitos “sacerdotes da má-cumba” acreditam que não podem Iniciar uma pessoa em Èṣù, pois acreditam que seja Èṣù o demônio — os conceitos torpes não são somente dos de fora.

Dentro do corpo de ensinamentos de Ifá, Oráculo, o mal não existe! O diabo não existe! Ifá é Luz e como tal é absolutamente neutro e pode responder as nossas questões objetivamente. Exemplo: pode responder para o ladrão ou para o dono da coisa roubada — ao primeiro Ele aconselha a devolver a coisa roubada na “encruzilhada” e ao segundo Ele ensina como pegar o ladrão e até como espontaneamente lhe devolver o produto do roubo.

A pessoa que raspa Èṣù, Ògún ou Ọṣun achando seja; o Diabo, São Jorge ou Nossa Senhora das Graças — é claro, não tem uma concepção limpa e não sabe o que faz.

Da forma como se originou o Candomblé no Brasil, obrigou ao povo a aproximar-se da Igreja Católica e deixar que a Magia e a Espiritualidade andassem juntas sem qualquer prejuízo aos rituais do Culto aos Òrìṣà.

Para entender de uma vez por todas que os Òrìṣà não são da mesma categoria dos Santos Católicos é necessário voltarmos ao nascimento quando o cordão umbilical é cortado. Neste momento a criança se desliga tanto do Guardiã responsável por sua reencarnação, quanto da cabaça (útero) receptora de vida — aí ela chora e respira. Esse processo se dá porque sendo originada por 3 (espírito, pai e mãe), deve tornar-se 1 em busca do seu 2 (dublê), que é o seu Òrìṣà e que marcará para sempre o seu destino.

Dentro dessa concepção, mesmo que o conceito de um “Deus único” fosse uma realidade, ainda assim, o resto é 2 que gera o 3. Essa visão apenas justifica a presença do terceiro elemento que se encontra no meio da interação de um par (pai e mãe), ou seja, o homem. Este para encontrar o caminho traçado por Deus terá algumas dificuldades, pois terá por critério os princípios de formação espiritual

transmitido pelos pais. Isso, tornar-se-á muito difícil para “Ele” entender de pronto que é um ser único buscando conquistar espaço dentro de um Universo tão grande. Pois: se é 3 tem que expandir porque o outro que foi gerado no meio irá brigar por um espaço, expandir e dividir em si mesmo para criar outras duas formas.

A conclusão que temos é que os Òrìṣà são puros e que o nosso destino segue a mesma trilha. Somos, pois, interação de Deus com os símbolos dos códigos genéticos duplos, conhecidos por Odù Ifá — isso eu sei. Agora, se São Jorge monta um cavalo ou uma égua, isso eu não sei.

Oríḱì Èṣù -1

(Saudações às origens de Exu)

Èṣù òta òrísà.

Exu o inimigo dos orixás.

Ọṣétùrá ni orúkọ bàbá mọ ọ.

Ọṣétùrá é o seu nome pai — reconheça-o.

Alágogo ìjà ni orúkọ ìyà ní pè ẹ.

Alágogo ìjà é nome que na aflição vos chamamos.

Èṣù Ọdàrà, ọmọkùnrin ìdólófin,

Èṣù Ọdàrà (Porção Boa), homem corajoso criador de leis.

O lẹ ṣónṣọ sí orí ẹṣẹ ẹlẹsẹ.

Vós juntastes no alto da cabeça a ordem e o pecado.

Kò jẹ, kò jẹ kí ẹnì njẹ gbé mi.

Encontrá-lo é vencer — encontrá-lo é ser quem obterá a vitória —
permaneça comigo.

A kùì lówó láì mu ti Èṣù kúrò.

Nós proclamamos a sua qualidade de eternamente abastado
abertamente desde um tempo distante, Exu.

A kii láyò láì mu ti Èṣù kúrò.
 Nós proclamamos a sua qualidade de jogador abertamente desde um tempo distante, Exu.

Aṣòntún ṣe òsi láì ní ítijú.
 Caprichoso da direita que faz o da esquerda sempre passar Vergonha.
 Èṣù àpatà sòmọ olómo lénu.
 Exu por dinheiro entrelaça e faz a pessoa falar o que não deseja.
 O fi okúta dípò iyò.
 Ele usa pedras para substituir o sal.
 Lọ̀gẹ̀mọ̀ ọ̀run, a nla kálu.
 Indulgente Filho do Céu, vossa grandeza se manifesta em todo lugar.
 Pàápa-wàrá, a túká máṣe ṣà.
 Impetuosamente apressado, Ele não separa, manipula e pega um por um.

Èṣù má ṣe mi, ọ̀mọ ẹ̀lòmíràn ni o ṣe.
 Exu, não me manipule. Uma outra pessoa (filho) deve ser manipulada.

Oríki Èṣù - 2

Èṣù láàlú.

Exu jóia e riqueza da cidade.

Okiri-òkò.

Aquele que possui o Título de atirador de pedras.

Èbìtá òkùnrin.

O homem que exhibe e vende a família.

A bá ni wóràn.

Aquele que inclinado vê as coisas claramente.

Bi à o rí dá.

Dê-nos nascimentos (de filhos ou de outras coisas boas) — encontrá-lo é raro.

Ọlọpa Elédùmarè lailai.

Porta-voz dos Mistérios de Deus eternamente.

O sãn sòkòtò pénpé.

Ele vivamente usa calça curta.

Oníbodè Ọlórùn.

Porteiro de Deus.

O sún nílé f'ogọ ti kun.

Ele dorme e tranca a casa com seu porrete.

Èṣù ló jí.

Exu vai acordar.

Ogọ kò jí!

Porrete não acorda!

Èbọra tì njé látọpa!

Homem forte não permita confusão!

O bá ẹlẹkùn nsũnkùn.

Vocês o encontraram, cuidado; Ele se queixa estranhamente.

Kẹrù ó bá ẹlẹkùn.

Dissipa o medo com lamentações.

Ẹlẹkùn nsũnkùn.

Cuidado, Ele se queixa estranhamente.

Láróyè nsun ẹjẹ.

Láróyè (ter consciência que) derrama sangue.

O bá onímímí-mí...

Vocês o encontraram hoje respirando, respirando...

Kẹrù o bá onímímí-mí.

Para dissipar o medo Ele nunca respira.

Onímímí n'fímú, mí!

Hoje respira pelas narinas, respira!

Láróyè n'fi gbogbo ara mí bí àjére.

Láróyè não agite todo o corpo; respire, gere nascimentos, riqueza e felicidade.

Èṣù má ṣe mi, ọmọ ẹlòmíràn ni o ṣe,

Exu, não me manipule. Uma outra pessoa (filho) deve ser manipulada.

Nítorí ẹni Èṣù bá nṣe ki í mọ.

Porque a pessoa que se encontra manipulada por Exu, não sabe.

Bí o bá fi ohun tirè sílẹ.

Se Ele encontrar com as coisas dela, põe abaixo.

Ohun olóhun nii maa wá kiri.

Faço votos, Mestre, para que não venha em nossa direção.

Èṣù Ọdàrà (Porção Boa),

Orí mi kọ ni jẹ èmí ri ìbínú rẹ.

Minha cabeça não irá permitir eu deparar com a sua cólera.

Àṣẹ!

Assim Será!

Oríkì Èṣù Qdára - 3

Ibà Èṣù Qdára, Èṣù Oláàlú okiri-òkò.

Saudações Exu Qdára, Módulo e Riqueza da cidade que possui o Título de atirador de pedras.

Qkùnrin ìkóríta, a ìjọ l'agangan Oláàlú.

Homem das Encruzilhadas nós nos reunimos diante do veloz Oláàlú (Riqueza da cidade).

Arin-lágbára Oláàlú l'òde i bí ìjà dé Imònlè.

Viajante poderoso, Oláàlú da Cidade, Ele gera conflitos para os Orixás.

Ìjà ni òtá-ru badè n'ifé.

Conflito com o inimigo o estimula a armar uma emboscada de boa vontade.

Tó figbè omọ wọn.

Basta tomar partido contra um e filiar-se a outro.

Oro Èṣù tó tó tó akọni.

A instigação de Exu é suficientemente forte e vigorosa.

Tó f'idà rẹ láláí.

É suficiente o seu sabre, sempre — sempre.

Èṣù má ṣe mi, ọmọ ẹlòmíràn ni o ṣe.

Exu, não me manipule. Uma outra pessoa (filho) deve ser manipulada.

Èṣù àsují àti a sùrefún-mi ṣùru.

Exu pode acordar e nos abençoar fartamente.

Àṣẹ!

Assim Será!

Ọfò Èṣù Oláàlú - 1

(Poder sobrenatural que dá ou causa alívio a dor - feitiço)

Ibà Èṣù Oláàlú.

Saudações Exu Oláàlú (Riqueza da Cidade).

Èṣù Oláàlú okiri-òkò.

Exu Oláàlú que possui o Título de atirador de pedras.

A bá ni wóràn.

Aquele que inclinado vê as coisas claramente.

Bi à o rí dá.

Dê-nos nascimentos (de filhos ou de outras coisas boas) — encontrá-lo é raro.

Èṣù má ṣe mi, ọmọ ẹlòmíràn ni o ṣe.

Exu, não me manipule. Uma outra pessoa (filho) deve ser manipulada.

Èṣù ki (...) àpatà-p'ítí a-p'ítí-pa-ta.

Exu que (fulano) seja morto com um grande porrete. Vosso porrete mata, seja persistente.

Ódá, Ódá, Ódá fún òtá mi.

Escassez, fome, necessidade para o meu inimigo.

Èṣù yè!

Exu está vivo!

Èṣù má ṣe mi, ọmọ ẹlòmíràn ni o ṣe.

Exu, não me manipule. Uma outra pessoa (filho) deve ser manipulada.

Èṣù (...) ni o ṣe.

Exu (fulano) deve ser manipulado.

Àṣẹ!

Assim será!

Ọfò Èṣù - 2

Ato gbà j'aye ẹlẹ-sọ.

Há muito tempo atrás quem reconhecia a vida tinha cuidado ao falar.

Ògún Alágbada l'ẹyẹ tagiri-gbõngbõn.

Ogum vestia roupa cerimonial de acordo, apressadamente assustado.

Àbó-n'ìjà wa kùmò.

O peixe luta, mas vai em direção da vara de bambu.

A jínki Olófin apàko lúu.

Conceda-nos Olófin (Legislador) adular o bambu.

Àṣẹ!

Assim será!

Oríkì Èṣù Qṣẹ̀tùrà - 4

Èṣù péle o!

Exu eu te chamo poderoso!

Qṣẹ̀tùrà l'ódá fún níbatì níló.

Qṣẹ̀tùrà tem-se a necessidade de empurrar para os outros; que o fracasso se vá.

Lé l'àiyé nbó n'ìfórí.

Manda para o mundo e remova a dor de cabeça (perturbação).

Tete ni sọ níbatì òyì.

Rapidamente deve empurrar contra outros a confusão.

Àfo rẹ wéwe ayága.

A oportunidade é sua de planejar a repressão.

D'idè a féran wéwe.

Em jogo de esconde-esconde nós preferimos planejar.

Ọṣẹ̀tùrà èmí ñsòro a tiẹ àṣẹ Olódùmarè.

Ọṣẹ̀tùrà Espírito que nos fala do Poder de Deus.

L'ẹ̀bọ ọmọ-f'ìre Ọdára

A oferenda filho da maldição é boa.

Wèrēpe gbà ẹ̀bọ ló....

Urtiga vai à oferenda, receba! Erigi...

Àṣẹ!

Assim será!

Oríkì Èṣù (5)

Èṣù Oláàlú Ẹ̀légbára ógọ,

Exu Riqueza da cidade, Poderoso senhor do bastão.

A-jì-bẹ̀-òwúrò.

Nós acordamos e o suplicamos pela manhã.

A-jì-j'apá-ōgùn alá-wù-l'amúbá-ta.

Nós acordamos o lado charmoso daquele que aumenta as oportunidades persistentemente.

Òrìṣà tí òfé bátákun njõ b'àmúbá-múkún-a-ilé.

Ao Orixá, cuja inteligência é excessiva, rogamos encher de fortuna a nossa casa.

Oláálú máşe lù èniyàn.

Oláálú não faça mal as pessoas que baterem à porta.

Oláálú máşe lù!

Oláálú não faça mal ao baterem à porta!

Dákun má ſe èniyàn lù mi.

Por favor, não faça mal as pessoas que batem à minha porta.

Ẽnyin tì on ſe bọ l'ẹyin.

Vós as apoieis, elas vem fazer oferendas para vós.

Egúngún-Ọbà-gbé-m'ilé.

Ancestral Soberano erga a minha casa.

Iwáju níbi o máşe Olúwarè lò kánrin.

Aqui na frente você não faça mal, “Olúwaré, as pessoas” fazem uso amplo do lugar.

Àní Ògún lóde ọrun Èṣù ni akini.

Assim como Ogum do lado de fora, Exu dê boas-vindas aos visitantes.

Aṣã pónpo tì ọpọ.

Ponderação, o bastão o apóia de modo pleno.

Òun nàáni a akini.

Conscienciosos nós damos boas-vindas aos visitantes.

Àfi ìpàkó ọpọ̀n tì ọpọ̀-ọpọ̀n.

Somente a parte de trás da tigela apóia de modo pleno a tigela.

Ọpọ̀n tì kọ gbọ̀ràn

A tigela apóia ensinando (a parte de trás) a ser obediente.

Olàálú ni wí fún-un ki ó tókò ré lo.

Olàálú diz o relato para cumprimentá-las e guiá-las com muita cordialidade.

Ní Aláde Ọrun, Èṣù k'òní ohun-árà-lojà.

Príncipe do Céu, Exu hoje há coisas novas no mercado.

Egún gún-Ọbà-gbé-m'ilé.

Ancestral Soberano erga a minha casa.

Ó gbà tãra-rá-l'ọjà-lo.

Nós aceitamos espontâneamente comprar mais e mais no mercado.

Èṣù ko ta, bēni kò rà.

Exu não exponha à venda, assim encontramos e compramos.

Bẹ̀ẹ̀ sǐ nkọ̀ mú owó lọwọ̀.

Compramos em pequena quantidade a um longo período; quando receberemos dinheiro nas mãos?

Ãpọ̀n ni Èlẹ̀gbára wá lo...

Persistentes, nós, Senhor do poder, procuramos por mais e mais...

Èṣù ni gbà ẹnìkanṣoṣo jà.

Exu para receber (dinheiro) é uma luta.

Ti í fi ọwọ́ gún gbogbo n'ilé ní mú.

Ainda bem que as mãos estão quentes, todos da casa irão receber.

Ó wú tú tú tu...

Você acrescenta, dá, derrama e ajuda...

Ní iwáju oní-túpùpu

Aqui na frente hoje fervilhará de tanta alegria.

Oní-túpùpu kí gbòdò da omi

Hoje fervilhará de alegria que precisarão beber água.

Sĩ Agúnbiádé lara.

Durante algum tempo “Agúnbiádé” sentirá inveja.

Agúnbiádé nàà kò si gbòdò da omi.

“Agúnbiádé” agora aprenderá que precisa beber água.

Sĩ Elégbà lara.

Durante algum tempo pessoas de qualidades notáveis sentirão inveja.

Èṣù máṣe mi, ọmọ ẹlòmíràn ni o ẹ.

Exu não me manipule. Outra pessoa deve ser manipulada.

Ẹnití Èṣù ni o ẹ kí mọ rárá.

Quem Exu manipula não compreende integralmente.

Àṣẹ! Assim seja!

Orin Èlédá ni

(Cantigas para o Criador)

A na wúre Èlédá wa.

A na wúre Èlédá wa.

Awa adúpé wúre ti oṣù-m'oṣù.

Awa adúpé wúre ti ọdún-m'ọdún.

Awa adúpé wúre ti ibà gbogbo.

A na wúre Èlédá wa.

Nós agora rogamos as bênçãos do nosso Criador.

Nós agora rogamos as bênçãos do nosso Criador.

Nós agradecemos as bênçãos de mês após mês.

Nós agradecemos as bênçãos de ano após ano.

Nós agradecemos as bênçãos e saudamos a todos.

Nós agora rogamos as bênçãos do nosso Criador.

Orin Èṣù - àdúrà (súplica)

È òrísà wa ni èjọ.

Ó dide ni sọ kí mbọ sóri a lẹ.

Ago bọ láilái ẹ òrísà wa mi èjọ.

Ó dide ni sọ yìn mbọ l'òna.

Ó ẹ olõre! O ẹ olõre,

Bàbá ilé a ẹ sin.

Èṣù Olàálú ẹ òrísà kí já oro lóni.

È wa ẹ olõre bàbá ilé a ẹ sin.

Vós orixá, venha suprir nossas necessidades.

Vós ponhais-nos de pé e não reclama da oferenda sobre a terra.

Com licença, o cultuamos sempre, sempre; vós orixá, venha suprir nossas necessidades.

Vós ponhais-nos de pé, reclamamos louvando-o com oferenda no caminho.

Vós agis benfeitor! Vós agis benfeitor!

Pai da casa, vós nos conduzis.

Èṣù Olàálú, vós sois o orixá da luta que estimula o dia.

Vós venhais agir benfeitor, pai da casa, vós nos conduzis.

Ori adúpé Olúwa**(Cantigas de agradecimento a Deus)**

Gbà opé mi Olúwa, Olúwa o.

Gbà opé mi Olúwa, Olúwa o.

L'oṣù b'ãre m'ãre,

Sàn l'ãre na re o,

Bò ti nṣe pèlu mi ni kò má ṣe.

Bò ti nṣe pèlu mi ní ko má ṣe.

Pàdé mi l'òna ìyánú Olúwa,

Pàdé mi l'òna ìyánú Olúwa!

Má jé wòlášò nṣe mi lálá yò l'òní.

Pàdé mi l'òna ìyanu Olúwa,

Pàdé mi l'òna ìyanu Olúwa!

Receba meus agradecimentos Senhor.

Receba meus agradecimentos Senhor.

Pelo mês de vitória, por ser o primeiro a chegar;

Melhor de saúde e vitorioso — já estou feliz.

Voltar a fazer também, a minha arte, não faz mal.

Voltar a fazer também, a minha arte, não faz mal.
 Encontre-me no caminho de boca aberta Senhor.
 Encontre-me no caminho de boca aberta Senhor.
 Continuarei vencendo se agir e me fizer sonhar com a felicidade
 hoje.

Encontre-me no caminho de boca aberta Senhor.

Orin ni Òrúnmìlà

Olúwo ajé gbò.

Olúwo ajé gbò.

L'orúkọ Òrúnmìlà, Òrúnmìlà bàbá Ifá!

Ifá lá o gbò, Òrúnmìlà lá o gbò.

Òyà o kí lá opé Òrúnmìlà bàbá Ifá.

Ifá lá o gbò? Òrúnmìlà lá o gbò.

Senhor do segredo, o poder do dinheiro cresce.

Senhor do segredo, o poder do dinheiro cresce.

Em nome de Òrúnmìlà, Òrúnmìlà o pai do Ifá.

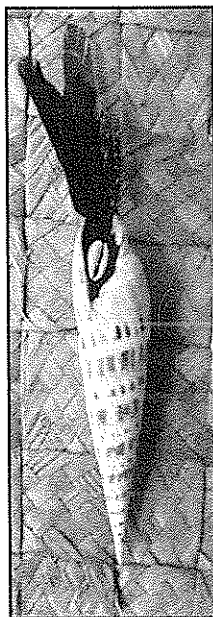
Ifá previu uma fortuna! Òrúnmìlà previu uma fortuna!

O salário que Eles previram, agradeço a Òrúnmìlà o pai do Ifá.

Ifá previu uma fortuna! Òrúnmìlà previu uma fortuna!

Orin Èṣù

Yìn o!
Yìn o!
Èṣù mǎ gbọ.



Respeito!
Apreço!
Exu
continua
ouvindo.

Àgò nǎbọ nǎbọ Láróyè!
Àgò nǎbọ nǎbọ Láróyè!

Com licença vou alimentar e cultuar Láróyè!
Com licença vou alimentar e cultuar Láróyè!

È má wọ̀n lẹ̀bá inọ̀n: kọ́ rí ìjà!

È má wọ̀n lẹ̀bá inọ̀n: kọ́ rí ìjà!

È má jẹ́ki kọ́ rí ìjà.

È má jẹ́ki kọ́ rí ìjà.

Você não borrife perto do fogo, está suspenso encontrar conflito!

Você não borrife perto do fogo, está suspenso encontrar conflito!

Você não permita, está suspenso encontrar conflito.

Você não permita, está suspenso encontrar conflito.

A pàdé Ọlọ̀na mo júbà Òjíṣe.

Awa ṣe awo! Awa ṣe awo! Awa ṣe awo!

Mo júbà Òjíṣe.

Vamos encontrar o Senhor dos caminhos. Eu, curvado, saúdo o Mensageiro.

Nós fizemos planos! Nós fizemos mistério! Nós agimos em segredo!

Eu, curvado, cumprimento o Mensageiro.

A jí kí ire ni Èṣù, Èṣù kà bí kà bí.

Nós acordamos e cumprimos felizes, Exu. Exu conta como nascimento, conta como nascimento.

Èṣù jé mi l'àyé ṣoro,

Èṣù jé mi l'àyé ṣoro.

Ẹlégbára Èṣù jé mi làiyé ṣoro.

Exu consiste na respiração do mundo — é violento.

Exu consiste na respiração do mundo — é violento.

Senhor do poder, Exu consiste na respiração do mundo — é violento.

Ẹlégbára Èṣù ó ṣá kéré kéré.

Ẹkẹsan Bará Èṣù ó ṣa kéré kéré.

O Senhor do poder (Exu) é somente pequenino.

Ẹkẹsan, Exu do corpo, Ele somente pequenino (baixinho).

E Ẹlégbára. Ẹlégbára Èṣù Alàiyé.

E Ẹlégbára. Ẹlégbára Èṣù Alàiyé.

Senhor do poder. Senhor do poder é Exu — o dono do mundo.

Senhor do poder. Senhor do poder é Exu — o dono do mundo.

Ó wá l'ẹ̀sẹ̀ l'àbọ̀-wolẹ̀ s'orí agbè-kọ̀ ilẹ̀kun.

Ele vem a pé, saudemo-lo dando-lhe boas-vindas com a cabeça de agbè (tipo de galinhola) pendurada na porta.

Èṣù a wá jù wọ̀ mọ̀n mọ̀n kí wọ̀ Ọ̀dára. Láróyè!

Èṣù a wá jù wọ̀ mọ̀n mọ̀n kí wọ̀ Ọ̀dára. Èṣù a wọ̀.

Exu nós procuramos passar à sua frente rastejando, sabemos compreender que rastejar é (Ọ̀dára) bom. Temos consciência (Láróyè!).

Exu nós procuramos passar à sua frente rastejando, sabemos compreender que rastejar é (Ọ̀dára) bom. Exu nós rastejamos.

Ọ̀dára lò ọ̀oro, Ọ̀dára lò ọ̀oro lọ̀ona.

Ọ̀dára lò ọ̀orò. Ẹ̀ lò ọ̀orò Ọ̀dára. Lò ọ̀orò lọ̀ona.

Ọ̀dára vale-se de agressão, Ọ̀dára vale-se de brutalidade no caminho.

Ọ̀dára vale-se de violência. Vocês abaixados observem Ọ̀dára.

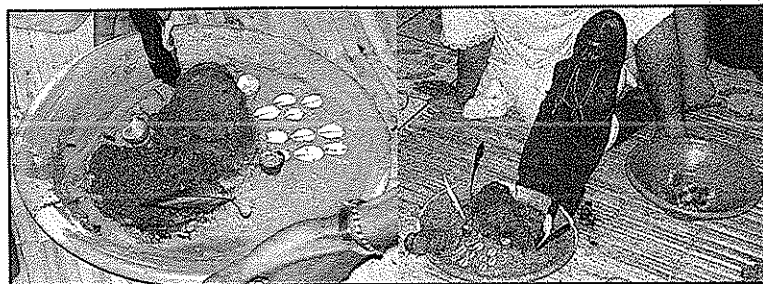
Abaixados observem o caminho.

Ó jí bgalẹ̀ àkarà ó, Èṣù ọ̀oro'kẹ̀.

Ó jí bgalẹ̀ àkarà ó, Èṣù ọ̀oro'kẹ̀.

Ele acordou; distribuamos acarajés para Exu brutal ter calma.

Ele acordou; distribuamos acarajés para Exu brutal ter calma.



Èşù:

*Quem o conhece não o encontra.
Quem o encontra não o reconhece.*

Èlégbára lẹ̀wá. Èlégbára.

Èṣù a wá jù mọ̀n mọ̀n kí a wọ.

Senhor do poder é bonito. Senhor do poder.

Exu, nós procuramos passar à sua frente rastejando. Sabemos compreender o dever de rastejarmos.

Kò mo ní rí ìjà rẹ́ ó ìjà rẹ́ ó Èṣù Ọlọ̀ṇa.

Que eu jamais veja a sua briga, a guerra é sua, Exu o Senhor dos caminhos.

Gò kẹ́, gò kẹ́ ni Ọdára, Ọdára bàbá ẹ̀bọ.

Abestalhado tenha calma com Ọdára, Ọdára é o pai dos sacrifícios.

Inọ̀n-inọ̀n mo júbà, e ẹ́ mo júbà.

Inọ̀n-inọ̀n mo júbà, e ẹ́ mo júbà.

Fogo-fogo, meus respeitos, a vós eu saúdo curvado.

Fogo-fogo, meus respeitos, a vós eu saúdo curvado.

Yẹmọnjá a kò nta r'ódò, Èṣù a inọn kò.

Iemanjá nós a encontramos esparramada no rio, Èṣù nós o encontramos no fogo.

Àgò-Ọlọ̀na awa pé níbọ, àgò-Ọlọ̀na e.

Àgò-Ọlọ̀na awa pé níbọ, àgò-Ọlọ̀na e.

Saudemos o Senhor dos caminhos para avisá-lo que estamos chegando (àgò) e que nos reunimos para cultuá-lo.

Saudemos o Senhor dos caminhos para avisá-lo que estamos chegando (àgò) e que nos reunimos para cultuá-lo.

Bǎrá ó bẹbẹ Tíriri-l'ọ̀na. Èṣù Tíriri.

Bǎrá ó bẹbẹ Tíriri-l'ọ̀na. Èṣù Tíriri.

Suplicamos como mendigos a vossa ação. Nesta situação difícil encontre-nos no caminho. Exu nos encontre nesta situação difícil.

Ṣónṣó ọ̀bẹ, Ṣónṣó ọ̀bẹ.

Ọdára ko l'orí ẹrù, Láróyè.

Ṣónṣó ọ̀bẹ, Ọdára ko l'orí ẹbọ.

Cabeça pontiaguda, Cabeça pontiaguda (cume de faca).
Qdára não leva bagagem na cabeça, Láróyè!
Cabeça pontiaguda, Qdára não leva ebó sobre a cabeça.

Ẹlẹgbára r'ẹwà, awa ṣe awo.
Băra Qlọ̀na awa fún àgò.
O Senhor do poder é “gracioso”, nós fizemos planos.
Supliquemos ao senhor dos caminhos nos dê licença.

Òjísẹ pá l'ẹfún awó.
Qdára pá lé s'Qbà.
Mensageiro impeça as brigas com encantamento da galinha D' angola.
Qdára impeça as brigas e troque o rei.

Qlọ̀na Qbà ara kētu.
Qlọ̀na Qbà ara kētu.
Senhor dos caminhos Rei do povo de Kētu.
Senhor dos caminhos Rei do povo de Kētu.

Èṣù sọ-sọ-r'òkè, Ẹlẹgbára kí a awo.
Èṣù sọ-sọ-r'òkè, Ẹlẹgbára lẹgbá o.

Exu grita no alto da montanha, Senhor do poder saudações aos seus mistérios.

Exu grita no alto da montanha, o Senhor do poder é extremamente enérgico.

Kétu ké, kétu ẹ Èṣù Alákétu.

Kétu ké, kétu Ẹlégbára Kétu.

Kétu (povo), por favor, Kétu — Exu é o Rei de Kétu.

Kétu (povo), por favor, Kétu — Exu é o Rei de Kétu.

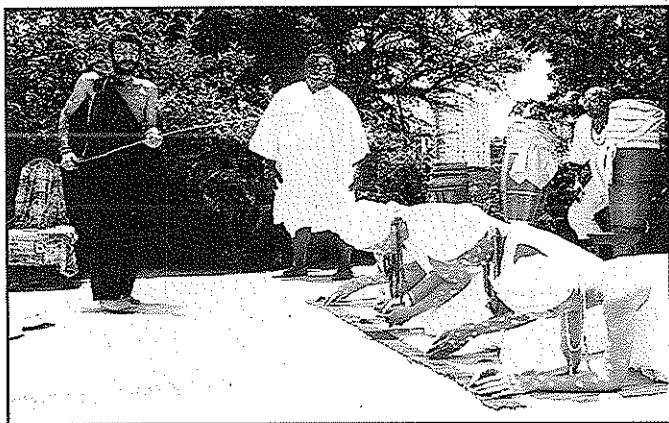
Alákétu rẹ Kétu b'ara Èṣù má lọ.

Senhor Supremo de Kétu, seja cordial com o povo de Kétu, Exu não vá embora.

“Se Exu vai à frente ou atrás, à direita ou esquerda; cria problema”.
Sempre que sair à rua diga: “Exu fique em casa”



Ewé Şaşàrá



Ìkóríta-méta ìpàdé òrun.

Orin fún òtá

(Cantiga para o inimigo)

“Èdá o l’òye l’àyé láílái ni òtá.

A criatura que compreende a vida sempre terá inimigos.

Tó ba tó bàjé nípa tẹ èmí ni.

Importunos; escondem, provocam, estragam e desgraçam a vida de alguém.

Mo tì fi òrọ mi lé Olúwa l’ọwọ.

Eu para sacudir o mau espírito respiro e sigo em frente nas mãos de Deus.

Èpo ilà ọbara rá o ló ọwọ tẹ.

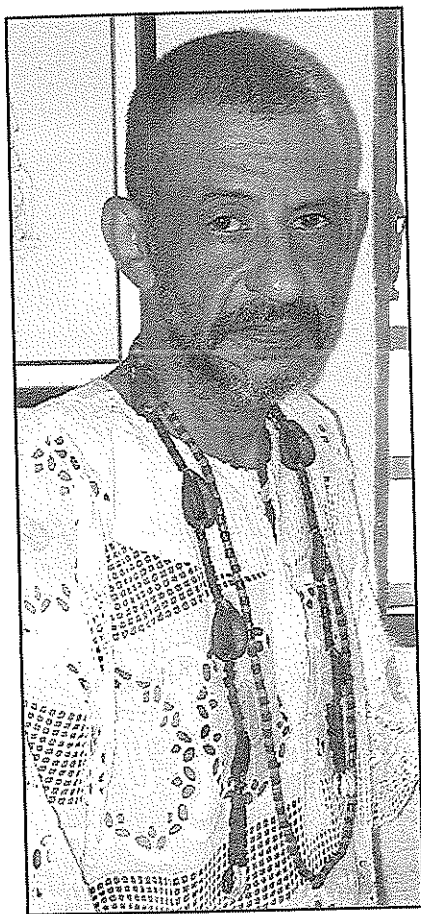
Erva daninha, linha, cordão e vassoura; rastejam e vão cair em desgraça.

Iwèrēpe bá rá kàn di oko.

Urtiga nunca rasteja até atingir a plantação.

Mo tì fi òrọ mi lé Olúwa l’ọwọ.

Eu para sacudir o mau espírito respiro e sigo em frente nas mãos de Deus”.



Língua
Maldita,
o meu nome é dente.
Fala de mim, fala.

A alvorada não luta contra os animais da floresta.

Ọfò Awo

A tẹ o náá.

Nós lhe estendemos a esteira prontamente.

Hẹn, a tẹ o náá.

Sim, lhe estendemos a esteira prontamente.

Kí o tún ara e tẹ o.

Que você igualmente estenda o seu corpo.

Awo kí nlè ikún.

O Iniciado nos segredos do Culto não pode ser como ikún (um tipo de esquilo surdo).

Awo kí nlè ejò o.

O Iniciado nos segredos do Culto não pode ser como cobra (venenoso).

Awo kí nsúré gun igi òkókó o.

O Iniciado nos segredos do Culto não pode apressar-se a subir numa árvore até o final.

Kí o má f'ìbánté ọde wòn ìdí wò.

Que você conserve o ìbánté (cinto) de caçador e não o retire da cintura, cuidado.

Bi odò bá kún kí o mǝmǝ wó wò o.

Se o rio se encontrar cheio que você sabidamente observe com cuidado.

Bi ìgbà bá já kí o mǝmǝ wó wò o.

Se no período se deparar com problema que você sabidamente observe com cuidado.

A tẹ o náá.

Nós lhe estendemos a esteira prontamente.

Kí o tún ara e tẹ.

Que você igualmente estenda o seu corpo.

Àṣẹ!

Assim será!

Palavras Finais

Os Òrìṣà são forças equivalentes a estrutura terrestre e não uma suposta fantasia mental como pensam alguns que acham que pensam... Estão atrelados ao Deus da Criação (do homem); Olódùmarè, aos Elementos da Natureza e consequentemente ao homem.

Não quero de modo algum impor um pensamento sobre o que sejam e nem sobrepor a imagem do que seja Deus — o comum é pensá-lo como Único. Quero apenas deixar aqui uma possibilidade de elevação que está ao alcance de todos, mas que não cabe em todas as pessoas devido ao fluxo de energia espiritual de cada um. Cada um, aos poucos, deve ir se “ajeitando” até formar uma opinião clara sobre os assuntos aqui tratados.

É preciso levar em consideração que os pontos cardeais são elevações sublimes do espaço representado no homem — basta abrir os braços e as pernas para perceber isso. Logo, cada ponto que se mexe, o resultado virá de acordo com o pensamento no momento da manipulação, significando que os Orixás recebem as informações e as transformam de acordo com os desejos de cada pessoa. Nem por isso, se deve tentar usufruir deste poder de forma insensata ou sem o conhecimento da natureza de cada Divindade.

Também há de saber que a vida não se resolve somente através de objetos de adoração — animismo à parte. Se não andarmos em frente serenamente para

fazer manifestar as qualidades sociais do Òrìṣà que temos, o destino tornar-se-á mesmo com tudo isto; mera hipocrisia.

É preciso então, “SERIEDADE” para poder manipular estas forças e obter uma sintonia triangular: Olóòrìṣà — Estrutura da Terra — Pessoa que recebe o poder de realização (Àṣe), para que se possa permanecer “dentro da luz gerada” no momento.

O maior erro cometido pela maioria dos Sacerdotes do Culto é não conhecer a própria Religião que praticam — tudo é brincadeira, roupas caras, muitas jóias de Òrìṣà pendurada no pescoço... E nada mais. Deste modo vão manipulando pessoas menos avisadas que se encanta com uma falsa beleza que oculta a realidade do Culto.

É preciso que haja uma doutrina coerente com a verdade de cada pessoa — sem pressões, que seja absolutamente verdadeira e que acrescente valores espirituais.

Tanto as pessoas envolvidas no Culto, quanto as que são simpatizantes precisam tomar bastante cuidado ao escolher alguém para ser seu Olóòrìṣà, pois muitos se vêem como “reis” e não são — e sim verdadeiros falsos profetas. Mas expressam um poder tão grande que a “luta” torna-se desigual para aqueles que ainda não dispõe de alguns conhecimentos. Neste caso, a verdade pode ser distorcida e a referência absolutamente perdida.

Não quero ser caótico, muito menos distorcer os preceitos antigos. Quero apenas me aliar com aqueles(as) que anseiam remover do Culto a alcunha de “MACUMBA”.

O que precisa ser feito é desprezar essas pessoas que mantêm em si o desejo de invadir cabeças, o que não passa de descontentamento, pois tudo o que querem é concretizar um amargurado conceito de vitória — doce ilusão! Afinal de contas, todos têm o mesmo direito sobre a Terra.

A vida está para nós como a seiva extraída na decocção vegetal (àgbò) está para a própria água que a mistura. Isto significa que somos “deuses” misturados com Deus. Se perdermos esta referência, perderemos também a nossa consciência divina e passaremos a viver fora de um contexto real — como as ondas do mar, que vem e vão sem se importar com o que carregam ao expandir ou contrair.

É preciso que se tenham estas referências para que não se perca o bom senso. Pois, ninguém é igual a cobra que rasteja em solo árido sob um calor escaldante em busca de sombra.

Espero de alguma forma ter contribuído com aqueles que tentam ser sensatos dentro da Religião. Se houve alguma agressão, é claro — não peço desculpas, pois o Candomblé do modo como vem sendo praticado não serve como referência para designar o Culto Tradicional de Orixá nem como Religião afro-brasileira.

Até o próximo livro:
Orí, a divindade do homem.

Èṣù-Şìgidi

Èṣù Şìgidi aparece como se fosse a insensibilidade particular da humanidade e trata-se do mais perigoso aspecto de Èṣù.

— O seu Culto tem sido reservado aos Bàbálawo dado ao grau de perigo que o sujeito se expõe ao se lidar com Ele. O significado da palavra Şìgidi é — exatamente contra.

— É conhecido, também, pelo nome de Şùgùdu por ser inteiramente redondo ou circular o formato da sua imagem de barro.

— É uma Divindade do Culto de Òrúnmìlà Bàbá Ifá e o seu nome mais conhecido é — Òşé-Òtùrá (embora a maioria, se quer, sabe disso) e, assim como o nome de Deus, ganha o significado que cada um lhe quiser atribuir por tratar-se de algo muito grande.

“Vale lembrar, entretanto, que aqui se trata da pior e da mais perigosa de todas as forças caóticas que existe — Egún-gun e Ìyámi viram “brinquedo de crianças macumbeiras” diante da força de Èṣù-Şìgidi”.

Um dos significados que lhe atribuem é — curto e grosso. Isso devido ao formato do seu ojúgbọ (altar ou assentamento):

— Uma “cabeça” moldada em barro vermelho ornada com búzios e gravada com espetos de ẹrun, akóko ou Şàşàrá...

Todas as informações a respeito de **Èsù-Şigidi** por se tratar de um assunto bastante delicado foram editadas a parte em um compêndio elaborado pelo autor em que são revelados

“Os segredos de Èsù-Şigidi”.

Adquira já!

“Os segredos de Èsù-Şigidi”.

Uma edição especial, inédita e limitada.

Contato com o autor:

(011) 2952 -4490 - 3796-4490

E-mail: orlando_jsantos@hotmail.com

Ou: oyafunmike@hotmail.com

Orkut: Orlando d'Ògún Dímòlòkò.

Site: Ogun Dimoloko.

Rua Dr José Luis Guimarães, 19 - Parque Mandaqui - SP.

CEP. 02418-060

Orlando J. Santos d'Ògún Dímòlòkò

O idioma Yorùbá

A sonoridade é importante. Por isso, a apresentação da fonologia da língua.

- O acento agudo indica tom alto.
- O acento grave indica tom baixo.
- A ausência de acento indica tom médio.
- Os tons compostos são constituídos pela combinação de agudo/grave.

- Tom alto: bá = encontrar.
 - Tom baixo: bà = germinar.
 - Tom médio: ba = esconder.
 - Tom alto composto: báfa = discordar.
 - Tom médio composto: bájà = brigar.
- E = Ê, Ě = É, O = Ô, Q = Ó, S = SI, Ş = CH.

Bibliografia consultada

- Chief/Ms' Fáróunbi Àiná Mosúnmólá Adéwálé - Somadhi. *Yorùbá Religion (Òrìṣà Worship)*.
- Ajibola I. Badiru. *Ifá Olókun, Interpretação dos Sonhos*. Edição do autor.
- Orlando J. Santos. *Candomblé, Rítual e Tradição*. Rio de Janeiro — Pallas.
- Orlando J. Santos. *Ebó no Culto aos Oríxás*. Rio de Janeiro — Pallas.
- Eduardo Fonseca Jr. *Dicionário Yorubá (nagô) Português*. Rio de Janeiro — Civilização.

impressão e acabamento:

 **EXPRESSÃO & ARTE**
GRÁFICA

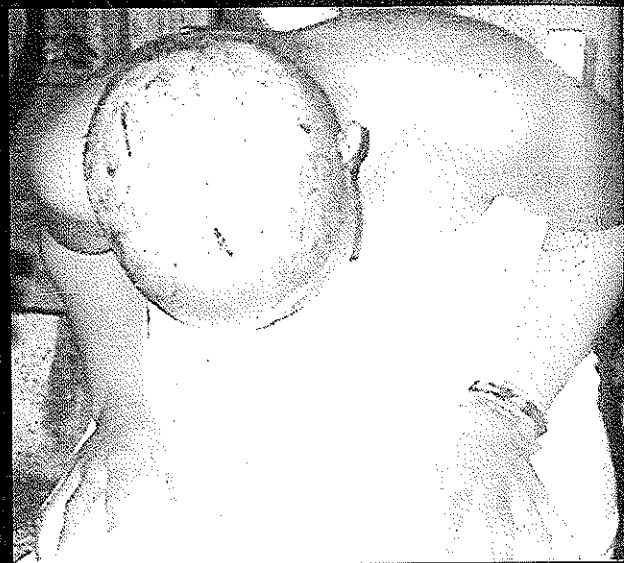
Fones: (11) 3951-5240 / 3951-5188
E-Mail: expressaoearte@terra.com.br
www.expressaoearteeditora.com.br

Os **Oríṣà** existem! Vieram de algum ponto do Céu e isto não é uma fantasia mental. Estão ligados ao Universo como um todo, conhecem a origem da criação e os mistérios que envolvem o Ser Supremo Universal (Deus). Este Deus não é o mesmo que Criou o homem. Então, quando nos referimos a **Olódumarè**, o nome Deus não cabe. Assim como não cabe designar os **Oríṣà** como Anjos Guardiões.

Todos nós somos descendentes (filhos) de dois **Oríṣà** (pai e mãe, **Obàtá-ńlá** e **Yemowó, Şangó** e **Oya** etc.). Assim, o objetivo das encarnações e reencarnações é conseguir obter uma genética apurada da raça humana igual à das Divindades e não objetivam salvar a alma de ninguém através da fé ou da prática do discurso sobre Deus. Claro, entretanto, que o ser humano geneticamente puro terá o seu espaço garantido nas grandes Obras da Criação de um Universo que não pára de se expandir.

Em tudo em que há vida tem a manifestação dos **Oríṣà**, seja um elemento mineral, animal ou vegetal. E esta manifestação está presente em tudo o que há sobre a terra.

No Culto, o importante é conhecer a essência do **Oríṣà** no meio ambiente para despertar no ser humano aquela partícula herdada que designará a “Feitura”. A **Iyáwó** tornar-se-á uma divindade viva ou **Oríṣà** de comunicação e terá um nome relacionado ao seu Ancestral Divino. A partir daí, consegue-se facilmente conhecer o seu caráter comportamental e a sua história, tanto na Terra quanto no Espaço — não há como separar um do outro porque o homem é um deus da continuidade (...).



O autor.